MARIA O'NEILL

BIBLIOTECA PARA·A·INFANCIA



PARA·RIR·E·PASMAR

PARCERIA·A.M.PEREIRA·LIVRARIA·EDITORA·LISBOA

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

PARA RIR E PASMAR

TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTÓNIO MARIA PEREIRA
RUA AUGUSTA, 44 A 48. LISBOA

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

PARA RIR E PASMAR

TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTÓNIO MARIA PEREIRA
RUA AUGUSTA, 44 A 48. LISBOA

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Horas de folga.
2 — Recreações infantis.
3 — Para ler nas férias.
4 — Por bom caminho.
5 — Para divertir.
6 — Alegrias.
7 — Histórias famosas.
8 — A fada loira.
9 — Contos da mamã.
10 — Para rir e pasmar.
11 — Feitos gloriosos.
12 — As ideas de Mimi.
13 — Proezas dum valentão.
14 — Maurício e Beatriz.
15 — Os bonecos de Joaninha.
16 — O animatógrafo.
17 — O paraiso das crianças.

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

POR

MARIA O'NEILL

PARA RIR E PASMAR

ILUSTRAÇÕES DE SANTOS SILVA

3.ª EDIÇÃO

1927

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 44 a 54
LISBOA

A ambição de Flora



Flora era a mais querida e linda das três filhas do príncipe de Cantiros. Muito vaidosa e presumida, esta princesa ambicionava suceder no trono a seu pai, embora fôsse a última nascida. Falando com a sua velha aia Laurentina, dizia ela com tôda a sinceridade:

— Minha amiga ¿ não achas que, sendo eu a mais querida, a mais bonita e a mais inteligente das filhas de meu pai, devo ser escolhida para rainha de Cantiros?

— É certo, respondia lhe a aia com respeito, que V. Alteza possue todos os dons que se atribue; mas falta-lhe o essencial para poder reinar.

— ¿ Qual é? preguntou Flora, franzindo o sobrolho descontente.

— Ter por direito e dever fazê-lo. A sua irmã mais velha é que deve reinar quando seu pai falecer.

— Mas isso não é justo. Ela não saberá dar ao povo a felicidade, porque não tem inteligência para bem o compreender e governar.

— Eu não ouso discutir com vossa alteza, mas tenho ideas muito exactas acêrca do mérito da princesa Ana, e estou que, quando muito tarde, para bem de todos, ela suceder a seu pai, saberá manter e continuar o bom govêrno da nação.

Flora, muito contrariada com a resposta da sua velha aia, dirigiu-se aos aposentos de seu pai e, encontrando-o momentâneamente só, preguntou-lhe:

— Meu senhor, se Vossa Magestade tivesse de escolher uma rainha para o trono de Cantiros ¿ qual das suas três filhas escolhia?

— Se eu pudesse escolher, Flora, serias tu a minha herdeira: mas, infelizmente, o meu coração nada pode em teu favor: é Ana que tem de reinar.

— ¿ Há então alguma cousa superior à vossa vontade, senhor?

— Há, minha filha: *a lei.*

— ¿ O que é a lei, meu pai?

— A lei é um preceito, uma obrigação social de vantagem pública, estudada por pessoas doutas e competentes, a que se chama uma comissão do *poder legislativo*, e que, sancionada pela autoridade soberana dum povo, se torna obrigação. Ninguêm pode alegar ignorância da lei como desculpa ou defesa, porque o conhecimento das leis é obrigação de todo o indivíduo, qualquer que seja a sua classe social.

— ¿ Então eu, apesar de ser princesa, tenho obrigação de conhecer as leis?

— Certamente, e muito mais do que os outros.

Quanto mais elevada é a nossa posição social, maiores são as responsabilidades que temos nos bons exemplos que devemos dar.



Flora

A princesa calou-se um instante e depois volveu :

— ¿Vossa Magestade disse que a lei para ter valor devia ser sancionada pela autoridade soberana dum povo?

— É claro.

— ¿ Então se meu pai não firmar uma lei, ela não tem validade no nosso país?

— Não.

— Nesse caso se o pai, com a sua assinatura, torna válido um documento, tambêm o anula se quiser.

— Enganas-te. Quando uma lei é tida por justa e seguida há longos anos, não há cabeça reinante, por leviana que seja, que a revogue: isso poderia dar causa a uma revolucão, o que é sempre grave e temerário provocar.

— ¿ Então Vossa Magestade acha justo que minha irmã Ana lhe suceda? preguntou com azedume Flora.

— Acho, porque é o respeito dum direito; mas tenho pena, porque te prefiro.

Entrou mais gente na sala. A princesa correspondeu com uma leve inclinação de cabeça aos cumprimentos que lhe faziam e retirou-se ao seu quarto cheia de cólera.

A princesa tinho um lindo papagaio cinzento, que lhe havia trazido um célebre explorador de terras longínquas. Era muito falador, muito esperto e muito dedicado à sua dona. Vendo-a entrar no quarto debulhada em lágrimas, agitou as asas, sacudiu a corrente, como se quisesse voar ao seu encontro, e começou a gritar:

— Flora! Flora! ¿ Porque choras tu?

— Dize-me, loiro, ¿não sou eu a mais bela das filhas de meu pai?

— Sem dúvida.

— ¿Não sou a mais inteligente?

— Está provado.

— ¿Não sou a melhor?

— Não: a melhor é Ana.

— ¿Então tambêm tu és ingrato comigo?

— Eu não sou ingrato, sou verdadeiro. Mas não te aflijas, porque não tens razão.

— ¡¿Não tenho razão?! ¿Tu atreves-te a dizer que eu não tenho razão?

— Atrevo, porque é verdade. Anda cá. Tira-me da gaiola e desce comigo ao jardim. Eu te indicarei um sítio onde tu verás, ouvirás e sentirás de modo a reformar a tua maneira de pensar e a moderar a tua louca ambição.

A princesa continuava chorando e não se mexia.

O papagaio observou-lhe:

— Se me não levares, antes de soarem tres horas, é inútil incomodares-te.

Flora, que era muito curiosa, levantou-se vagarosamente, tirou o papagaio da gaiola e, colocando-o no ombro, desceu com êle ao jardim.

O loiro dizia-lhe:

— Não vás pelas ruas mais largas: escolhe os carreiros estreitos. É inútil que tuas irmãs nos vejam ou que os cortesãos de teu pai nos sigam.

— ¿Mas onde queres tu ir?



A margem do ribeiro

— Ao ribeiro que fica ao fundo da mata.

— ¿E para quê?

— Vais ver. Anda mais depressa.

A princesa apertou o passo. Quando chegaram à margem do ribeiro, soava na tôrre do palácio, o sino, dando a primeira badalada para anunciar as três horas.

— Mais depressa, mais depressa, instou o papagaio. E' necessário que eu esteja no tronco daquele salgueiro antes que dê a última badalada.

A princesa satisfez-lhe o desejo.

Sentindo-se no tronco, espanejou as asas, dançou num pé e noutro, e exclamou em voz muito alta:

— ¡ Papagaio rial, que só faz bem e nunca mal, e veio tão longe de Portugal!

Um outro papagaio, cinzento como êle. apareceu no mais elevado tronco do salgueiro em que êle estava e preguntou:

— ¿Que queres?

Então o papagaio de Flora respondeu:

— ¡ Bem sabes o que são mulheres!... A minha dona, porque é bonita e inteligente, acha que tem direito a tudo. E' vaidosa e presumida e, passando regaladamente, supõe que tem uma triste vida. Ora eu vinha pedir-te, caro mano, o favor de lhe mostrares o futuro, levando-a ao *Poço da Verdade*. Aí terá sem dúvida alguns pequenos desgostos, mas eu sou da opinião que mais vale prevenir do que remediar.

— Tens razão.

E voltando-se para a princesa, que escutava pasmada esta singular conversa, disse-lhe :

Pela minha língua negra,
Ó bonita princesinha,
Vou tornar-te em andorinha
E vais comigo voar.

E ao papagaio de Flora ordenou:

Fica aqui, meu caro mano.
É trabalho duma hora,
Pois não teremos demora
Em ver, ouvir e voltar.

E batendo as asas num largo vôo, desapareceu aos olhos do papagaio da princesa, seguido por esta transformada em andorinha.

Atravessaram rápidamente a mata, passaram o rio e chegaram a um sítio agreste cheio de moitas silvestres e altas e escarpadas penedias. Então o papagaio começou a baixar o vôo e a terra parecia a Flora que quanto mais baixavam mais longe estava.

— Papagaio amigo, disse ela, tenho mêdo.

— ¿ Mêdo de quê ?

— A terra desce...

— Enganas-te. Nós já estamos muito dentro dela.

— ¿¡ Dentro dela!?

— Sim. Estamos descendo à morada da Verdade.

— Torno a dizer-te, papagaio amigo, tenho mêdo.

— Vem poisar na minha asa direita.

A andorinha obedeceu pressurosa.

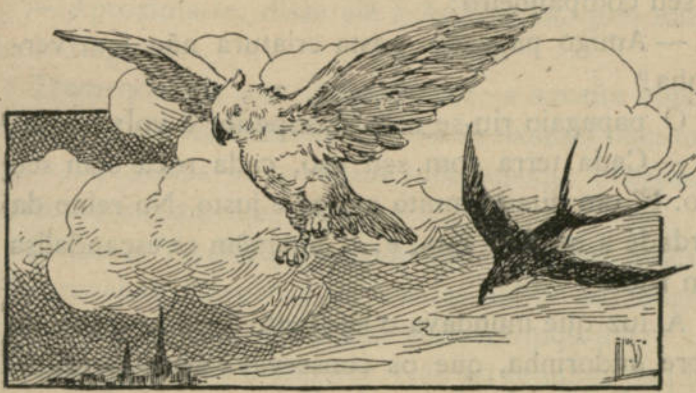
Dentro em pouco tudo escurecia em volta dela.

— ¿ Que é isto papagaio?

— E' o fundo do poço.

— ¿ Então em casa da Verdade não se vê?

— Ótimamente, mas ainda lá não chegámos. Es-



E batendo as asas...

tamos à porta, envolta em trevas como o nosso espírito. Assim que lhe passarmos o umbral, tudo se tornará luminoso e resplandecente.

Terminando estas palavras, o papagaio soltou um grito estrídulo, ao qual respondeu outro semelhante; a porta girou nos gonzos e a pequena andorinha, deslumbrada, teve de fechar os olhos, cegos por tanto esplendor. Depois, por conselho do seu companheiro e guia, abriu-os lentamente.

Viu então que estava numa vasta sala de mármore, nas paredes da qual estavam esculpidas as mais famosas scenas que da antiguidade teem víndo até nós, como soberbo exemplo e incitamento a nobres e generosos feitos. Ao fundo da sala, num trono de mármore negro, estava deitada uma mulher fomosissima, de formas perfeitas, ¡mas completamente nua! Flora, espantada e escandalisada de a ver sem camisa, disse ao seu companheiro:

— Amigo papagaio ¿esta criatura não tem vergonha?

O papagaio riu-se com ar superior e volveu-lhe:

— Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso. E' um ditado muito antigo e justo. No reino da Verdade a moda é esta, e... ninguêm se escandalisa com isto.

A luz que inundava o aposento feria os olhos da pobre andorinha, que os conservava semi-cerrados.

— ¿Porque é esta luz tão forte, papagaio?

— Porque tudo mostra com exactidão, sem se preocupar com o mal que daí possa provir.

— ¿Quem são aquelas três criaturas que se sentam nos degraus do trono?

— O velho, é o Passado; o rapaz, o Presente, e o pequeno, que tem os olhos verdes, é o Futuro.

A Verdade, reclinada no seu frio leito, parecia não ter reparado na entrada das duas aves.

O papagaio pousou no chão, a poucos passos do leito, e disse-lhe:

— Tu, a quem todo o mundo admira e fala, alta e soberana senhora, aceita o respeitoso preito do teu mais humilde e sincero admirador.

Sem responder ao cumprimento, a Verdade preguntou:

— ¿A que vens?

— Pedir-te que ilumines o espírito desvairado da minha jóvem companheira.

— Aproxima-te, disse ela à Andorinha, num tom sêco e ríspido.

Tremendo ao som daquela voz, a avezita voou para junto da encantadora mulher e, fixando nela os seus pequeninos olhos desmesuradamente abertos, esperou ansiosamente.

Então a Verdade, tomando nas mãos um apito, todo cravejado de rubis e esmeraldas, soltou um longo assobio e, dirigindo-se à Andorinha, afirmou-lhe:

— Vou fazer-te a vontade. Não sei se sairás daqui triste, se alegre. Eu não sou lisongeira; por isso tenho poucos e raros amigos, embora conte nos inimigos grande número de admiradores.

Uma escrava, nua como ela, assomou ao limiar duma das portas interiores, indagando:

— ¿A senhora chamou?

— Chamei. Traz à minha presença a eterna delinqùente.

A escrava curvou-se respeitosa e saíu.

Alguns instantes depois, voltava trazendo algemada uma mulher na fôrça da vida, muito bonita, muito

bem vestida, mas com os olhos no chão, as faces ruborizadas e o andar incerto.

A Verdade, abrindo uma gavêta oculta nos vistosos ornatos do seu leito de mármore, tirou dela um soberbo espelho talhado em bisel, moldurado em perpétuas roxas, e fazendo um gesto à recêm-vinda, esta ajoelhou-se no primeiro degrau do trono. Fazendo incidir pelo espelho um reflexo de luz nos negros e fartos cabelos da algemada, êstes desprenderam-se dos ganchos, rolaram-lhe pelas costas e com grande espanto da Andorinha ficaram brancos e escassos. Egual manobra do espelho fazendo incidir a luz sôbre a bôca: os lábios perderam a viva coloração que mostravam e os dentes, todos postiços, caíram-lhe no chão. Assim, a pouco e pouco, ficou a Mentira despojada de quanto nela havia de falso e chegando à nudez mais completa, chorava de raiva, bradando:

— Tenho frio, dá-me o meu fato.

— Dou, mas não por ora. Resta-me ainda mostrar a esta ave como é falso e enganador tudo quanto é humano.

E, fazendo com o espelho incidir demoradamente a luz sôbre o corpo da sua prisioneira, os músculos desta, a pele, tudo que lhe revestia a fealdade dos ossos caíu como por encanto e aos olhos apavorados da pequena Andorinha apareceu um esqueleto hediondo. O espelho continuou a incidir sôbre êle, esboroando-o lentamente até o reduzir a um monte de cinzas.

A Verdade debruçou-se do leito sôbre elas por um

movimento airoso e dum breve sôpro fê-las desaparecer. Voltando-se então para a Andorinha com um sorriso, observou-lhe:



A princesa Ana

— Na vida, minha gentil princesa, tudo é mentira e tudo se reduz, como acaba de ver, a pó, terra, cinza e nada.

A Andorinha, que assistira horrorisada a tôda a scena, preguntou:

— ¿E eu? Tambêm, na minha beleza e na minha inteligência, sou mentira?

— Inteiramente não, mas quási.

— ¿Diga-me, minha senhora, eu não sou superior a minha irmã Ana?

— De modo algum.

— ¿Não sou?!!

— Não. Ela tem alma e coração, põe o dever acima de tudo e nunca ousou pensar que havia de suceder a seu pai. Não deseja reinar, porque, para o fazer, teria de chorar a perda do mais extremoso dos afectos. E quando alguêm, com sentimentos menos delicados, lhe lembra, na intenção de a lisonjear, que ela será um dia a princesa reinante de Cantiros, sua irmã responde com singeleza e sinceridade:

« — Deus permita que eu nunca sinta sôbre os meus ombros o pezado fardo de governar um reino, nem tenha a dor de perder meu pai.»

Muito envergonhada, comparando quanto os seus sentimentos eram inferiores aos de sua irmã, Flora pediu à Verdade que lhe desvendasse o futuro.

Esta, pegando numa varinha curta, do mais puro cristal, tocou com ela na cabeça do menino de olhos verdes. A criança ergueu-se, e tomando nas mãosinhas o espelho que a Verdade lhe estendia, foi colocá-lo sob os olhos da pequenina Andorinha.

Flora estremeceu. Olhando bem para o espelho

viu que os factos se sucediam nele como as fitas animatográficas no *écran*.

Sua irmã Ana bordava e conversava com Lavínia, a mais nova das três, quando seu pai lhe mandava anunciar a chegada do príncipe Cláudio, herdeiro do trono de Azíria, que vinha pedir a sua mão. Ela, como filha obediente, estava pronta a seguir a vontade paterna, e dirigia-se para os aposentos de seu pai. Chegando ali deparou com o príncipe, que era um homem encantador, e sentiu logo o maior desejo de o desposar, mas seu pai observou-lhe que, bem que muito desejasse vê-la unida a tão notàvel príncipe, não podia assentir no casamento que lhe propunham porque nunca o povo de Cantiros, tão amante da sua independência consentiria em se ver unido à Azíria, reino vezinho, com o qual mantivera ha longos anos uma paz forçada, porque tanto dum lado, como do outro, os dois povos viviam na desconfiança e na rivalidade. No entanto, expunha o rei desejoso de conciliar tudo, «se tu sentisses pelo príncipe Cláudio uma forte inclinação, podias ceder a tua irmã Lavínia os direitos ao trono e seguir o destino do príncipe teu marido.»

Ana, que tinha tão grande coração como carácter, respondeu a seu pai:

— Senhor, a proposta de casamento do príncipe Cláudio é para mim extremamente honrosa. Se eu não fôsse a primogénita das vossas filhas teria aceitado com orgulho a mão honrada que tão generosa-

mente se me estende, mas eu, senhor, segundo as nossas leis, devo suceder-vos, se viver, e acima dos interêsses do meu coração sinto que estão os do meu povo. Abdicar em minha irmã seria privá-la de ser



Príncipe Cláudio

feliz. Ela é mais nova, é rica e bela: pode, e deve amar e ser amada. A sorte não lhe pôs nas mãos os destinos dum povo; não serei eu, embora isso me peze, que o faça.

E pedindo licença para se retirar aos seus aposentos, a princesa Ana chorou, porque cumprira o seu

dever contra os desejos do seu coração que o príncipe Cláudio havia enfeitiçado.

O pai ficara fulo. Fôra êle que, por hábeis manobras, provocara o pedido do príncipe na esperança de que a filha mais velha abdicasse na que era sua predilecta; e ela, não só o não fizera, como lhe mostrara que adiante dos de Flora estavam ainda os direitos de Lavínia.

O príncipe Cláudio pediu então a mão desta princesa, o casamento celebrou-se com grande pompa e a partida dos noivos para Azíria deu lugar a festas que ficaram memoráveis no país de Cantiros.

O pai morreu, Ana sucedeu-lhe no trono e escolheu para marido o fidalgo de mais antiga linhagem do seu reino. Reinou muito sábia e justamente e morreu muito velha e rodeada de filhos e de netos.

— E eu? e eu? preguntou Flora ansiosa, vendo interromper-se a sucessão de imagens no espelho.

O menino dos olhos verdes sorriu e olhando para a Verdade pareceu consultá-la em silêncio.

Ela fez um gesto de assentimento.

Tornando a colocar o espelho sob o ávido olhar da Andorinha, esta viu que o papagaio cinzento que tinha no seu quarto era um jovem e gentil guerreiro, que uma fada má havia transformado em ave. Êle por ter conseguido saír do palácio e pousar no salgueiro antes das três horas daquele dia encontrou o apoio e amizade de outro príncipe encantado, que ha

longos anos se dedicara, por amor. ao serviço da Verdade.

Êste fazendo ver à princesa Flora o nada das mentiras humanas tirou-lhe do coração a ambição



Príncipe encantado

desmedida, e provou-lhe que a inteligência nada vale se a ela se não associam os dotes de coração. Amou o príncipe Humberto e casando com êle teve por madrinha a Verdade que os encheu de bens.

Uma pancada muito forte no chão fêz estremecer a Andorinha. Olhou em roda, não viu ninguém. O belo palácio de mármore tinha desaparecido e com êle tudo que durante uma hora a deslumbrara. Es-



e, pegando na mão...

tava de novo só, na margem do ribeirinho, via-se outra vez mulher e dirigindo-se ao salgueiro procurou em vão o papagaio. Não o encontrando chamou:

— Loiro! meu loiro!

— Aqui estou, disse um jovem loiro, de aspecto forte e simpático.

Flora sentiu o coração bater-lhe apressado. Era o príncipe encantado que o Futuro lhe mostrára no espelho.

Então, por um fenómeno estranho, viu que no coração da princesa Ana, tudo era dever que se cumpre sofrendo, emquanto que no dela havia a esperança de poder ser feliz. Deu muitas graças a Deus e, pegando na mão do seu noivo, foi apresentá-lo ao príncipe de Cantiros que prometeu casá-los dali a oito anos quando êle tivesse dado provas na guerra de ser um cavaleiro de extremado valor.

Morreu sem ver casada a filha querida; mas ela, pondo de parte sentimentos egoistas, conquistou na côrte de sua irmã o primeiro lugar e deixou livros muito bem escritos que ainda hoje são muito apreciados por todos que prezam as boas letras. Num deles, li eu a confissão das suas ambições, tão loucas, e a explicação do motivo da moldura do espelho que lhe mostrou o bom caminho. Não sei se se lembram. Era de perpetuas roxas. — O espelho é companheiro eterno da Verdade, e, como ela é eterna, entendeu que a perpétua é a flor que melhor a pode simbolizar: entendeu bem e Flora conta-o com muito interêsse.

O professor tala...

Foi D. Diniz quem creou
A marinha nacional;
Recorrendo a genoveses,
Deu naves a Portugal.

Eram êstes, sábios mestres
Nas artes de navegar,
E quanot o rei desejou
Souberam executar.

Emfim, aprontou-se a frota
E D. Diniz nomeou
Manuel Pezzanha almirante
Das naves que lhe entregou.

Nesse cargo hereditário
Pôs-lhe por obrigação,
Ter arrais, e ter alcaides,
Vindos da sua nação.



O professor

E os marinheiros de Génova
Servindo as galés d'El-Rei,
Tornaram os portugueses
Uns mareantes de lei.

Foi no reinado seguinte
Que a frota se aproveitou:
A' exploração das Canárias(1)
Afonso quarto a mandou.

Não era uma descoberta,
Que as ilhas Afortunadas
Já por fenícios e outros
Tinham sido visitadas.

Era uma ambição política
Mesmo talvez comercial...
Ter influência em tais ilhas
Dava fama a Portugal.

O Papa Clemente sexto,
Teve dif'rente tenção:
Fêz D. Diniz de Lacerda
Rei das ilhas em questão.

Bisneto de Afonso, o Sábio,
E pelo pápa investido,
Não havia que dizer.
Deu-se o sonho por perdido.

Mas foi êle o tentear
De pandas velas ao vento

(1) (Em 1341).

O primeiro impulso audaz
Do português pensamento.

Se pouco lhe aproveitou
Querer do Atlântico as ilhas,
Tocar na costa africana
Fêz-lhe sonhar maravilhas.

¡ Pensamento aventureiro,
Como é estranho o teu poder!
Se levas povos à glória
Quantos não fazes morrer.

Dar largas ao pensamento
Sem prudência, e sem cautela,
Lembra mão que, inexp'riente,
Se atreve a soltar a vela

Quando o tempo é borrascoso
E as vagas se erguem no mar,
Sem ver que um breve descuido
Lhe pode a barca afundar.

D. Tude de Ronda

No meiado do século XV correu mundo a notícia de que tinha desaparecido do paço de seus pais a princesa Letícia de Castro Maior. Os reis de Gondar inconsoláveis por tal facto, prometiam larga recompensa a quem lhes indicasse o paradeiro da filha, jovem de rara beleza que ainda não completára 20 primaveras.

O rei, encerrado nos seus aposentos, recusava ver ninguêm, e a custo o resolviam a comer; a rainha, ajoelhada no seu oratório, em frente da imagem da Senhora das Dores, soluçava e orava com íntima fé, esperando que a Virgem desse remédio ao seu cru padecer.

Muitos e grandes fidalgos, assim como humildes plebeus, corriam em procura da princesa, tentados pelas promessas do edital. Só Tude de Ronda se ficava no seu velho palácio, indiferente às grandes e tentadoras promessas régias.

Chegando isto ao conhecimento do rei, encheu-lhe o espírito de incerteza ácêrca dos motivos que teria D. Tude para assim proceder, e não podendo mais

suportar o pêso da curiosidade e da dúvida, resolveu mandar Lucas Pelaio, seu mordomo-mór e irmão de armas muito prezado, entrevistar o pouco ambicioso D. Tude.

Estava o fidalgo Gondarense recostado numa cómoda poltrona, meditando nos seus desgostos íntimos quando lhe anunciaram a inesperada visita.

Mandou-a entrar e, mal a viu passar o limiar da porta, foi-lhe ao encontro, dizendo:

— ¿A que devo eu, meu caro Lucas Pelaio, a honra e alegria da vossa visita?

— Amigo, não venho de minha vontade, mas por ordem de meu senhor e amo.

— ¿Que manda sua majestade ao seu lial criado?

— El-Rei estranha que, sendo vós um homem jovem e valoroso, tendo mostrado sempre ser-lhe dedicado, não hajais sentido em vosso coração pena da dor que o crucia, e ficásseis repousando em vossos paços emquanto tôda a fidalguia e povo de Gondar procura ansiadamente a princesa Letícia.

D. Tude ficou silencioso. E como êsse silêncio se prolongasse muito, o seu visitante indagou:

— ¿Que resposta levo ao Rei?

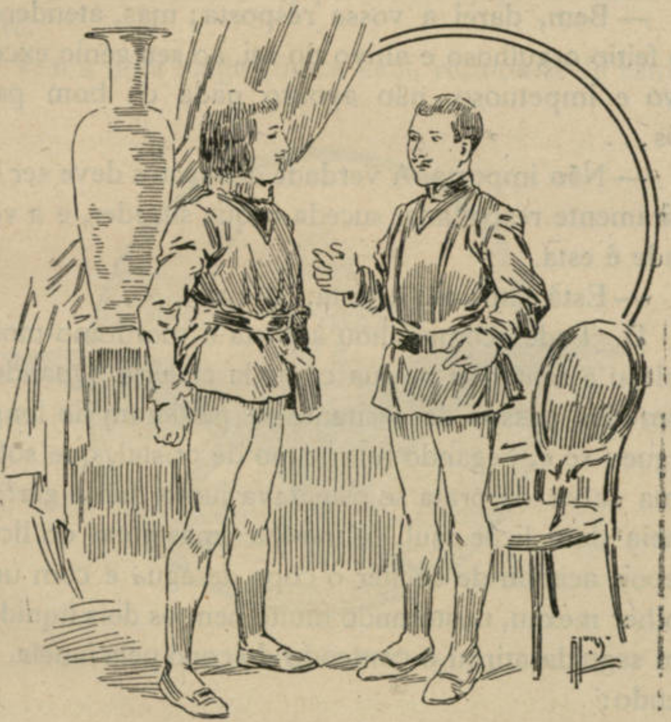
— Dizei-lhe, respondeu o jovem, que ninguêm mais do que eu preza a princesa Letícia. Se a não procurei, é porque El-Rei me não promete a única cousa que eu ambicionava.

— ¿E que cousa é essa, mancebo?

— Ser seu marido.

— ¿ Ousais erguer tão alto as vossas vistas?

— Meu amigo, não é ambição, é amor. Desde criança que desejo casar com a princesa e, se o rei me conceder a sua mão, escuso-lhe a fortuna e as



— Meu amigo, não e ambição, é amor.

honras e partirei para o estrangeiro, onde viverei em descanso o resto dos meus dias.

— ¿ E se o rei vos não conceder o que desejais?

— Não procurarei a princesa e ninguêm a encontrará.

— ¿Porque não será outro qualquer mais bem sucedido do que vós?

— Porque ninguêm lhe tem o afecto que eu lhe tenho. O verdadeiro amor faz milagres.

— Bem, darei a vossa resposta; mas, atendendo ao feitio orgulhoso e altivo do rei, ao seu génio excessivo e impetuoso, não agouro nada de bom para vós...

— Não importa. A verdade dos factos deve ser inteiramente respeitada, suceda o que suceder, e a verdade é esta.

— Está dito: até à vista.

D. Tude acompanhou à porta o mordomo-mor e voltou a sentar-se na sua cómoda cadeira. Quando o som dos passos do visitante se perderam ao longe, ergueu-se e, pegando num copo de cristal, que sôbre uma salva de prata se ostentava junto duma garrafa cheia dum licor azul, deitou-lhe umas gotas do licor, depois acabou de encher o copo de água e com uma colher mexeu, misturando muito bem os dois líquidos; em seguida atirou o conteúdo do copo pela janela, dizendo:

Acode, ó minha madrinha!
Vem, nesta grande aflição,
Proteger e dar alento
Ao meu pobre coração.

No mesmo instante sentiu-se um forte rumor, muito semelhante ao bater de asas, e pela janela aberta, entrou uma mulher jovem, muito loira e bonita, montada num grande corvo, preto como a noite.

Vestia uma longa túnica azul, recamada de estrê-



...uma mulher jovem...

las de prata, e da cabeça pendia-lhe um longo véu, também azul e com estrêlas. Na mão trazia um pequeno chapéu de sol, de cristal, dum trabalho muito artístico, com lindas côres, reflectidas de vareta a vareta, e cujas scintilações brilhantes ofuscavam a vista, deslumbrando-a.

Apeando-se da ave, a encantadora mulher lan-

çou-lhe as rédeas de sêda azul sôbre o pescoço, e ordenou-lhe:

—Vaí-te. O enorme corvo desapareceu no ar como por encanto.

Então, voltando-se para D. Tude, que a contemplava com desvanecimento, a linda mulher preguntou, sorrindo amávelmente:

—¿Que quer o mais querido dos afilhados à mais devotada das madrinhas?

—Veio aqui Lucas Pelaio do mando de El-Rei.

—Bem sei: ¿e depois?

—Disse-lhe quais os meus desejos.

—¿E êle?

—Mostrou-me que tinha receio da cólera de sua Majestade. Fiquei apreensivo. E' sabido que pela menor falta El-Rei condena à pena última qualquer dos seus validos. Eu, que aos seus olhos nada tenho que me recomende...

—Enganas-te. O rei tem-te em muita consideração, e a tua vida não lhe é indiferente. Teu pai foi um dos seus melhores amigos. Possue, é certo, um génio violento, mas estou que não chegará comtigo a nenhum extrêmo. Em todo o caso, se êle te ameaçar dize-lhe:

¿Quem havia de dizer,
Quem havia de pensar,
Que a lingua que assim me ofende
Pertença ao rei de Gondar?

«Se te mandar prender, dirás:

¿ Quem havia de dizer,
Quem havia de pensar,
Que é preso Tude de Ronda
A' voz do rei de Gondar ?

«Se te sentenciar à morte, censurarás:

¿ Quem havia de dizer,
Quem havia de pensar,
Que morre o filho de Arnaldo
A' voz do rei de Gondar ?

— Ai, madrinha, madrinha! não sou eu que caso com a linda princesa! ¿Quem a terá roubado? Onde a esconderão?

— E's falso como todos os homens, afilhado, e insaciável como êles. Ainda mal satisfiz um dos teus receios e já me anuncias outro! Eu podia responder-te e sossegar-te, mas a desconfiança que mostras no meu ilimitado poder merece castigo, e tê-lo-has: não te responderei.

D. Tude ficou pesaroso, mas afirmou-lhe:

— Tendes razão, madrinha, andei mal; mas é tão grande a ansiedade do meu espírito, tão funda a minha aflição!... A fada, condoída, sorriu e disse-lhe num tom amistoso e benévolo:

— Has-de ser feliz, prometo-te.

D. Tude, cheio de alegria, precipitou-se para ela

no intento de lhe beijar a mão. Encontrou o vácuo: a formosa visão tinha desaparecido.

*

* *

A noite caía lentamente, e D. Tude, cheio de receio, não tinha quietação física nem moral. Três grandes pancadas soaram na porta principal do palácio e ao grito de: «Por ordem de El-Rei» o porteiro descerrou as largas portadas e desbarretou-se tremendo.

De pé, entre os seus criados trazendo tochas acesas, vinha o rei de Gondar. O seu aspecto era severo, quási feroz, e a sua voz soou aos ouvidos do pobre velho como o ribombar de medonho trovão:

— ¿Onde está teu amo?

— Nos seus aposentos, meu senhor.

— Guia-me os passos.

O velho porteiro, sempre cheio de terror, guiou o rei e o seu séquito pela larga escada que conduzia ao andar superior; depois abriu, no largo patamar, a porta da esquerda e atravessando uma vasta antecâmara, bateu com os dedos na porta em frente, que se conservava fechada.

— ¿Quem está aí? preguntou de dentro a voz de D. Tude.

— El-Rei nosso Senhor.

A porta abriu-se como por encanto. Os aposentos de D. Tude estavam iluminados por uma luz estra-

nha, dum azul suavíssimo, e êle, magníficamente vestido com um fato azul recamado de estrêlas, seguiu ao encontro do rei, dizendo-lhe com modéstia:



De pé, entre os seus criados...

— Bemdita seja a hora, Senhor, em que Vossa Majestade honra êstes paços com a sua presença.

O rei, maravilhado com o que via de sobrenatu-

ral em quanto o rodeava, perdeu a cólera que trazia, e preguntou:

—¿Como conseguiste, meu amigo, um vestuário tão rico e uma luz tão sedutora?

—Uma fada me dotou ao nascer de dons sobrenaturais, Senhor; não posso por isso, como os outros mortais, correr atrás da incerteza.

O olhar do rei iluminou-se:

—¿Então tu sabes mais e vês melhor do que os outros?

—Vós o dizeis, Senhor.

—¿Achas o perdido?

—Vós o dizeis, Senhor.

—¿Nada te está oculto?]

—Vós o afirmais, Senhor.

—Pois bem, disse o rei com aspecto irado, se dentro de três dias me não disseres onde está a princesa, sentirás todo o pêso da minha cólera.

Então D. Tude, tornando-se pálido, lastimou:

¿Quem havia de dizer,
Quem havia de pensar,
Que a lingua que assim me ofende
Pertença ao rei de Gondar?]

O rei fitou-o demoradamente e a sua cólera caíu como por encanto. Voltando-se para os seus oficiais, observou:

—Se êste homem tudo sabe e pode, deve ser jus-

ticeiro. Esperemos que a reflexão o faça dizer a verdade. Dentro de três dias, Lucas, procurarás onde êle te disser. Voltando-se para Tude, ajuntou:



...soluçando...

—Adeus, mancebo. Deus te dê tanta virtude e prudência como te deu distinção.

E, sem lhe dar a mão a beijar, saíu de cabeça erguida e aspecto arrogante.

D. Tude deixou-se cair soluçando perto da cadeira onde momentos antes estivera sentado, e murmurou:

—¿Madrinha, madrinha, se me não valeis que hade ser de mim?

Nenhuma voz respondeu à sua, e a luz azul celeste, que iluminava o aposento, desapareceu, assim como o rico trajo que o cobria deu o lugar a outro menos opulento, mas muito bonito.

Notando a súbita mudança dos seus vestidos e da luz, o jovem fidalgo ficou aterrorisado, persuadido de que decaíra do agrado da encantadora mulher. Entrou de se lamentar tão fundamente que até as paredes do seu quarto se sentiam compadecidas de mágua tão sentidamente chorada. Quando o prazo que o rei havia imposto findou, D. Tude, que passara os dias em aflição, sem comer nem beber, na mais completa imobilidade, estremeceu intimamente ouvindo soar na escada os passos de vários cavaleiros. Momentos depois, sem se fazer anunciar, assomou à porta a figura de D. Lucas seguido por alguns guardas do corpo especial que fazia sempre serviço no paço e que tinham o título de «Fiéis de El-Rei».

—¿Que quer isto dizer, D. Lucas? Entrais em meus paços sem me anunciardes a vossa presença?

E D. Tude, ofendido, estava de pé no meio da sala, com o olhar chamejante de indignação.

—Meu caro, respondeu Lucas Pelaio, eu não venho segundo o meu desejo, mas por ordem terminante de El-Rei.

— ¿A que vos envia?

— A saber a resposta que não tivestes a delicadeza de lhe enviar antes que vos fôsse preguntada.

— Amigo, era um grande prazer para mim poder satisfazer o seu justo cuidado, mas eu ignoro completamente o paradeiro de sua alteza.

— Nesse caso, acompanhai-me: estais preso.

— ¿Preso, porquê? Que mal fiz eu?

— São as ordens de El-Rei, e, como sabeis, acatam-se e não se discutem.

— Pois bem: levai-me à sua presença.

Lucas, imaginando que o mancebo ia emfim declarar ao rei o paradeiro da filha, não teve dúvida de o levar ao Paço e de o apresentar a Sua Majestade sem aviso prévio.

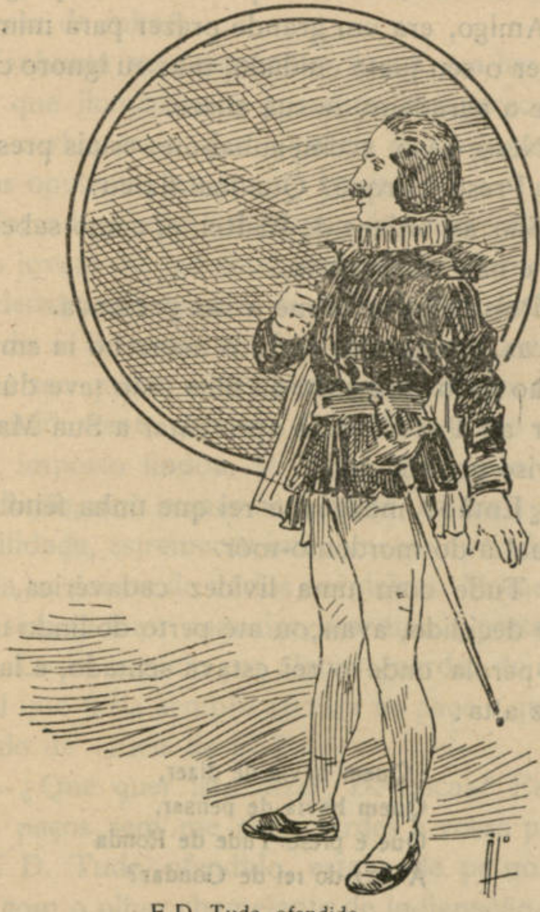
— ¿Então? indagou o rei que tinha feito suposição igual à do mordomo-mór.

D. Tude com uma lividez cadavérica, mas ar firme e decidido, avançou até perto do lindo trono de madre-pérola onde o rei estava sentado, e lamentou em voz alta:

> ¿Quem havia de dizer,
> Quem havia de pensar,
> Que é preso Tude de Ronda
> A' voz do rei de Gondar?

A tais palavras, com grande pasmo de Lucas e dos guardas que o haviam seguido, o rei ergueu-se do trono, desceu os tres degraus de ouro lavrado em que

êle estava assente e, aproximando-se do mancebo, disse-lhe em tom severo:



E D. Tude, ofendido...

— Nunca, por minhas mãos, um fidalgo da casa de Ronda será preso. Vai, mas lembra-te que *fideli-*

dade e dedicação são as divisas do teu escudo. Dentro de tres dias dar-me-has uma resposta.

Sem retorquir cousa alguma, D. Tude afastou-se de cabeça baixa.

Ia receoso, muito receoso, da cólera do rei e, em vez de se pôr a chorar em casa, como fizera da primeira vez, resolveu procurar, indagar, tanto quanto possível, onde se ocultava a princesa e quem era o seu carcereiro.

Fêz a manobra de deitar o licor pela janela, chamou a sua madrinha em altas vozes e, não conseguindo auxílio algum sobrenatural, resolveu-se a tomar a iniciativa de procurar a princesa Letícia pelos meios naturais de que dispunha.

— E' na cidade decerto que ela se encontra, pensava D. Tude, porque, se tivesse fugido para o campo, já decerto a teriam encontrado. E' nos grandes centros, e não em qualquer ermo, que melhor se pode esconder bem alguêm de tão extraordinária e deslumbrante beleza.

Em conformidade com êstes raciocínios, o mancebo entrou no grande jardim onde tôdas as elegantes da cidade iam passear e sentou-se num banco, vendo desfilar diante de si as mais bonitas mulheres de Merêncio, capital de Gondar.

Desgostoso, por não saber como encontrar quem desejava, D. Tude afastou-se das ruas mais movimentadas e seguiu por um estreito atalho que conduzia ao estrêmo do recinto, que era vedado por uma

alta grade e dava ingresso ao público por dois largos portões de ferro, com os mesmos ornatos da grade, e exactamente iguaes aos do antigo passeio público em Lisboa dos quais muitas das mães dos meus pequenos leitores ainda se hão de lembrar. Ali, as árvores não estavam crescidas ainda; era uma espécie de bem tratado viveiro. Involuntáriamente, D. Tude começou admirando o seu desenvolvimento.

Chamou-lhe a atenção uma, mais graciosa do que as outras, entre a rama da qual brilhavam lindos pomos amarelos.

— Tem graça, disse êle, tão pequenina e já cheia de frutos! E' curioso! As outras árvores que se lhe avizinham são iguais e não teem nada!

Sentindo rumor atrás de si, voltou-se e viu uma formosa rapariga humildemente vestida que lhe dirigiu assim a palavra:

— Faz-me um favor, meu senhor, diz-me como se chama êste fruto?

— São laranjas.

— Comem-se?

— Decerto que sim: é um fruto excelente!

— Quer provar?

— Não é meu. A mãe ensinou-me a nunca tocar no que me não pertence.

— Ensinou-a muito bem sua mãe, mas eu posso comprar laranjas e oferecer-lhas.

— Minha mãe também me ensinou a não receber presentes de pessoas que não conheço.

— Mas, desde que está falando comigo, não pode dizer que não me conhece.



Uma formosa rapariga...

— Posso: nem ao menos sei o seu nome!
— O meu nome é D. Tude de Ronda.
— Tenho ouvido meu pai falar no seu, muita vez.

— ¿Como se chama seu pai?

— Ninguêm o trata pelo nome, porque minha mãe já morreu.

— ¿Como se chamava sua mãe?

— Tambêm pelo nome não era conhecida. Meu pai, nunca lhe chamava senão querida.

— ¿E vós? que nome tendes?

— Por meus pais era chamada filha: pelos outros... ninguêm me dava o nome.

— ¿Então como vos chamavam?

— Não sei. Desde que em jardineira estou mudada, esqueci-me de tudo que conhecia e sabia. Por isso pregunto-vos:

— ¿Quem sou eu?

— Não sei, mas em breve o hei de saber. ¿Não quereis então, que vos ofereça laranjas?

— Não. Destas queria, mas não as posso, nem as devo aceitar. Vós tambêm as não podeis oferecer...

— Posso. Compro-as.

— ¿E se as não quiserem vender?

— Não é natural, visto que, para vos ser agradável estou disposto a pagá-las pelo triplo do seu valor.

— ¿Mas pagá-las a quem?

— A quem delas tiver o direito de dispor.

— ¿E quem tem êsse direito?

— O jardineiro.

— Enganais-vos. Êsse é apenas encarregado de as cuidar. Essas frutas são de todos e de ninguêm: pertencem ao Estado.

— Então se são de todos, posso apanhar uma.

— Não, porque a vossa parte é tão infinitamente pequena em cada um dos frutos que não póde bastar a dar-vos o direito de sequer lhes tocar.

— Então, com direito ou sem êle, aqui está um fruto que arranquei e vos ofereço.

— Fizestes mal... Guardai-o; eu não o posso aceitar.

— Então aí fica, disse D. Tude pondo a laranja na relva junto da árvore.

— Não, não. Levai-a em memória do nosso encontro, e, se um dia vos virdes em aflição, descascai-a, tendo muito cuidado de a não ferir e comei os seus gomos: êles vos farão ver o que não vedes, saber o que não sabeis, e haver o que não haveis.

— Obrigada, menina, creio que o vosso dom me servirá mais cedo do que decerto julgais. Permitis que vos acompanhe a vossa casa?

— Não, senhor cavaleiro, porque diz a minha mãe, que uma menina solteira se não tem eira nem beira não deve ter companhia senão da mãe ou da tia.

E lançou-se a correr com tal velocidade que, em menos dum segundo, desapareceu aos olhos do admirado jovem.

A noite já começava a cair. D. Tude, desconsolado, encaminhou-se para casa. No dia seguinte, preguntou-lhe o seu velho capelão:

— ¿Então, meu caro amo, não vai hoje como hontem procurar a princesa?

— Não, reverendo. Estou convencido de que ou já a achei ou tudo que fizer é sem resultado.

E contou ao capelão o encontro e conversa que tivera.

Chegou o terceiro dia e D. Tude, em vez de esperar nos seus paços a visita de El-Rei, resolveu ir procurá-lo nos dêle. Logo que fôram horas de poder ser admitido à presença de El-Rei, fêz-se-lhe anunciar pelos seus pagens, cheios de curiosidade de saber se desta feita D. Tude se resolveria a falar ou se receberia algum tremendo castigo.

— ¿Então, meu amigo, disse-lhe benévolamente o monarca assim que o avistou, trazeis-me novas alegres?

— Não, meu senhor. Apesar de me ter decidido a procurar, nada encontrei. Receio bem que não esteja em poder humano achar a linda princesa Letícia, e eu, apesar de dotado de graças sobrenaturais, não tenho o grau preciso para conhecer tudo que se passa sôbre a face da terra.

— Mas vós dissestes que nada vos está oculto...

— Perdão, Senhor, vossa Magestade é que o afirmou: eu não podia de modo algum desmentir o meu soberano.

— Mas, quando eu afirmei que achaveis o perdido, vós respondestes: Vós o dizeis, Senhor.

— Era uma exclamação de desejo. Não duvidando eu da vossa afirmação talvez um poder misterioso, superior ao vosso, tornasse verídicas as vossas pala-

vras. Tanta é a vossa Magestade, Senhor, que, tornar reaes as vossas afirmações parecia-me um dever da Providência.

— És lisonjeiro, D. Tude, mas isso não vos salvará da pena que mereceis: Meu Lucas, dai ordem que seja executado antes do amanhecer por desobediência à minha régia vontade.

D. Tude afastou os guardas que a estas palavras já se aproximavam para o levar e, em voz muito alta exclamou:

¿ Quem havia de dizer,
Quem havia de pensar,
Que morre o filho de Arnaldo
A' voz do rei de Gondar?

— Espera, espera. Chega aqui. ¿ Que disseste tu? Filho de Arnaldo?!

— Sim, meu senhor.

— Afastai-vos, guardas. Eu não posso mandar matar êste homem, porque jurei a seu pai na hora do passamento defender sempre a sua vida. Mas tu, mancebo, não terás dó de mim? Não farás nada para encontrar Letícia?

— Senhor, ¿como hei de eu encontrá-la se os vossos mais extremados cavaleiros o não teem conseguido? Dai-me a honra de me escolherdes para genro e, sem saír daqui, prometo-vos que farei quanto está ao meu alcance para que a vossa filha vos seja entregue.

Intrigado, o rei preguntou:

— ¿E eu verei quanto fizerdes?

— ¿Porque não, senhor?

O soberano meditou alguns segundos, e por fim, cedendo à curiosidade, ajuntou:

— Bem, filho de Arnaldo, escolho-te para meu genro e faço votos para que sôbre ti e tua espôsa chovam as bênçãos de Deus.

D. Tude curvou-se a beijar-lhe a mão agradecido: depois pediu-lhe vénia para se sentar e tirando do bôlso a laranja, que a desconhecida lhe havia dado, começou a descascá-la cuidadosamente, guardando as cascas no bôlso e comeu os gomos com todo o vagar.

Ninguêm tirava os olhos dele, e todos notavam com estranheza que, á medida que ia comendo, a sua fisionomia se transformava.

Quando acabou o último gomo, tirou as cascas do bôlso e formando com elas a forma da laranja foi colocá-la no trono sôbre a cadeira que junto do rei, estava vazia desde a morte da rainha. Então exclamou com fé:

— Madrinha que vestes do límpido azul dos céus, tu, para quem a terra não tem segredos nem mistérios, faze que apareça aqui a mulher que desde sempre me destinaste.

No mesmo instante viram a princesa Letícia, sentada no trono junto de seu pai. A sala foi repentinamente iluminada por a mesma luz que o rei já vira por ocasião da sua visita a D. Tude, e a fada Celeste,

entrando pela janela a cavalo no seu corvo negro, fêz voltear entre os dedos o seu maravilhoso chapéu de sol.

Todos estavam atónitos ante o inesperado e estranho espectáculo. Suspendiam-se as respirações e abriam-se os olhos desmesuradamente.

Então, no meio do silêncio geral, ela falou. A sua voz era mais bela e maviosa de que o canto do rouxinol, e as suas palavras alvoroçavam agradávelmente os corações. Eis o que disse:

— Eu te saúdo, rei de Gondar, porque fizeste por bem o que terias de fazer mesmo contra teu grado. Eu te saúdo, princesa Letícia, porque terás o melhor dos maridos. Eu te saúdo, afilhado, porque tens a mais amiga das madrinhas. Tu sucederás no trono a teu sogro com tua mulher que será sempre feliz e amada, e verás crescer os teus numerosos filhos e prosperar o teu povo em honra, riqueza e sabedoria. Eu vos fado para que assim seja.

E deslumbrando a todos com os reflexos luminosos do seu precioso chapéu de cristal, saíu por onde entrara e todos a viram elevar-se no espaço, sôbre o formoso corvo que movia as azas negras num vôo potente e rasgado.

Então, voltando do enorme espanto que os tivera sem fala nem movimento, o rei abraçou a filha, e os fidalgos rodeiaram D. Tude com demonstrações afectuosas, procurando todos exceder-se uns aos outros em gentilezas, maravilhados pelo que haviam visto.

O casamento realizou-se com grande pompa seis meses depois e a fada Celeste foi a madrínha. Tiveram muitos fllhos e viveram felizes. Ainda hoje o reino de Gondar é o melhor governado de quantos existem no mundo e a divisa dos seus reis continua a ser *Fidelidade e dedicação*.

Os louvores de D. Miguel

A tia Emília tinha um geito especial para divertir crianças embora os processos de que se servisse não fôssem dos que merecem a aprovação dos educadores.

— Eu, dizia-nos ela, sou muito liberal; a maior partida que me podem fazer é porem-se-me a cantar os louvores de D. Miguel.

Nós acreditávamos piamente esta confissão, que parecia sincera, e resolvemos fazer o possível para que a tia se zangasse a ponto de *perder a cabeça* como ela anunciava que em tal caso lhe sucedia. Fomos sentar-nos, nós e os primos, sob a mesa da casa de jantar, nossa sala de conselho sempre que se tratava de pôr em prática qualquer maldade, e cada um expôs qual seria o melhor modo de realizar sem perigo de algum açoite a desejada empresa de arreliar a tia Emília.

Uns lembravam uma carta elogiando D. Miguel,

outros comprar a Nação e meter-lh'a debaixo da porta diáriamente; emfim, depois de muito discutir ficou decidido que iríamos, logo que minha mãe saísse, pé ante pé, até à porta do seu quarto e romperíamos a cantar com todo o denodo os louvores de D. Miguel.

Emfim, a carruagem levando minha mãe afastou-se e nós, com o coração a pulsar de ansiedade, (o caso não era para menos) pusemos em prática o plano que nos parecia um cúmulo de audácia.

Uns atrás dos outros seguimos ao longo do comprido corredor e chegando em frente da porta estacámos. O mais audaz deu o sinal e, todos a um tempo, rompemos a cantar no tom marcial que lhe é proprio:

Graças ao Luso,
Sempre guerreiro,
Miguel Primeiro
Ha de triunfar.
Os que seguirem
A ímpia sorte
Ferro e a morte
Hão de experimentar.

— Esperai, marotos, esperai que eu vos digo.

— Eu já vou fazer queixa ao vosso avô.

E saía do quarto esbaforida como se realmente se sentisse profundamente ofendida. Nós, fugindo em várias direções, voltámos a reunir-nos sob a mesa da casa de jantar. Vendo, porêm, que tudo estava quieto

e que a tia não ía alêm da ameaça, pareceu nos claro que era porque a cabeça ainda não estava inteiramente perdida: precisávamos cantar mais.

Voltámos com as mesmas cautelas e desta vez entoámos num tom triste de sentido lamento:



A tia Emília

Quando os passarinhos choram
Que não tem entendimento
O que fará quem não vê
Dom Miguel há tanto tempo?

Fugimos de novo, mas desta vez ela conseguiu tornar prisioneiro meu irmão que era o seu valido.

— Ora voltai cá a cantar, voltai, e vereis o que vos sucede.

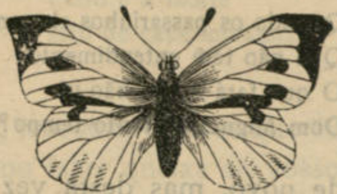
Voltámos ainda, e, desta vez, foi em alta gritaria que repetimos umas poucas de vezes em crescente entusiasmo:

> **Já temos um rei Senhor**
> **Dom Miguel que é rei**
> **E Restaurador.**

— Não, isto agora é demais! bradou a tia Emília, deveras zangada; vocês fazem-me endoidecer.

Meu avô, ao desusado clamor, abriu a porta do seu quarto e veio ver o que era.

Sentindo-lhe os passos, debandámos como por encanto; mas fomos tão ingénuos, que durante muito tempo estivemos realmente convencidos de que tínhamos causado à tia Emília uma forte arrelia. Quando mais tarde ela me contou a graça que nos achara naquela tolice, é que eu vim no conhecimento de que os troçados éramos nós!





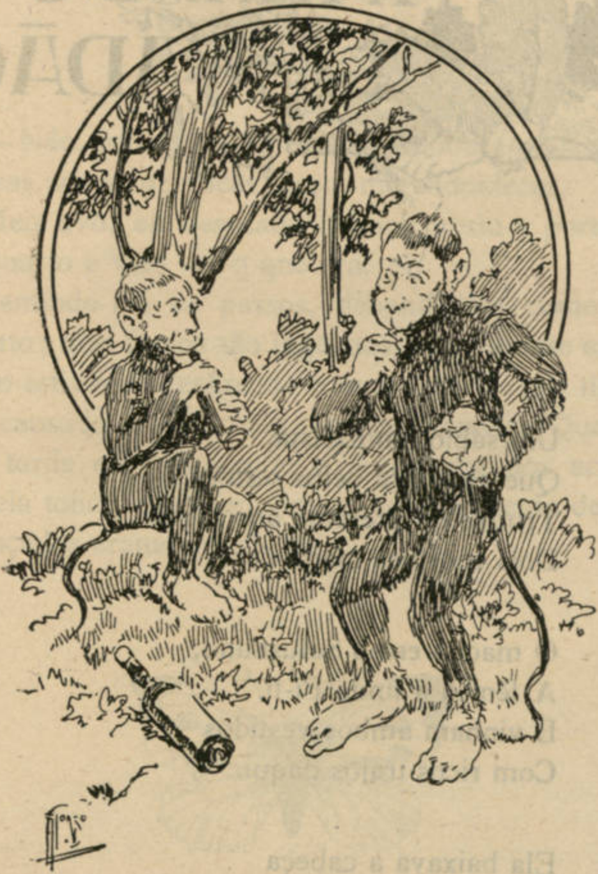
IMITANDO ADÃO

Um sábio naturalista,
Que andou lá pelos sertões,
Trouxe de presente aos filhos
Dois enormes macacões.

O macho era o Salustiano,
A fêmea a linda Fi-fi.
E vinham ambos vestidos
Com ricos trajos daqui.

Ela baixava a cabeça
Com tão grande distinção,
Como se fôsse criada
Em qualquer nobre salão.

Êle tirava o chapéu
Por modo tão elegante,
Que tôda a gente dizia:
— ¡ Que macaco tão galante!



Começam a petiscar

Porêm os bichos, coitados,
Viviam aborrecidos.

Não gostavam de se ver
Com calçado e com vestidos.

Um dia, em que os donos foram
Com seu pai dar um passeio,
A' cabeça de Fi-fi
Uma ideia grata veio:

Chamando o Salustiano
Preguntou-lhe: — meu amigo,
Andar sempre com trapagens
¿Não te parece um castigo?

Concordou êle de pronto.
Então a mulher propôs:
— ¿Vamos roubar à dispensa
Vinho, queijo e bol' de arroz?

«Depois, despindo os vestidos,
«Ambos só com o nosso pêlo
«Diremos que é bom ter bolo,
«Mas melhor inda comê-lo.»

Pôs-se em prática a tenção,
Sem ninguêm se opor a tal.
Os nossos dois quadrumanos
Descem correndo ao quintal.

A' sombra dum verde ulmeiro
Começam a petiscar.

¡Que bem vale a liberdade
A quem a pode gozar!

Mas quem a procura ter
Sem o direito de a usar,
Arrisca-se a perder tudo
Em vez de tudo ganhar.

A Fifi co'o Salustiano
Pagaram caro a função
Passando quási dez dias
Fechados numa prisão.

O Salustiano, chorando,
Censurava a companheira:
—Tu, má, é que tens a culpa
Que eu sofra desta maneira.

«Foste tu que me levaste
«A roubar tão bom patrão.
«Tu, que me deste o conselho
«De despir o meu gabão.

«Agora estamos em pêlo,
«E sem ter comodidade,
«Nesta casa escura e feia,
«Tôda a escorrer humidade.

«Deus sabe se nunca mais
«Veremos do sol a luz.

«Por seguir loucos conselhos
¡Em que estado vil me pus!

Fifi respondeu-lhe rindo:
—Isso é velho como Adão:
¡Chamas-te a ti o *bom senso*,
Dizes que eu sou *Tentação!*

«Sempre o macaco imitou
«Dos homens a ruindade:
«¡E's *inocente!* coitado!...
«Mas eu sou *tôda maldade.*

«Tenho, porêm, sôbre ti
«Vantagem nos sentimentos
«Quando faço bem ou mal
«Sempre o grito aos quatro ventos.

«E, sem ninguêm condenar
«Se pensando, decidi,
«Dos actos que eu pratiquei
«Não te vou culpar a ti.

«¿Errámos ambos?... Talvez.
«¡Mas que dif'rença entre os dois!
«Tu, nunca queres ter culpa,
«Eu tomo-a tôda»—¿E depois

«Se te condemnam, que fazes?
«¿Como te has de defender?

— Não me defendo, mas tenho
O valor de não descer

«A desculpas de criança
«Acusando o próprio irmão,
«Dizendo que êle foi só
«Roubar o cesto do pão,

«Que ambos tinham saboreado.
«Tu és reles como Adão!
«Eu cá, como sou macaca,
«Faço de Eva a imitação.

«Em vez de mentir, prefiro
«Sustentar o que é verdade:
«Quem oculta o mal que faz
«Nunca merece piedade.



Ana Maria era uma menina muito má que desagradava propositadamente a todos. Sua mãe, no desejo de que ela se emendasse, internou-a num colégio, mas teve o desgôsto de a ver regressar a casa, expulsa, por causa dos exemplos de insubordinação que dava às outras meninas.

Tomaram-lhe mestres e mestras e nenhum a aturava alêm dum mês. A mãe chorava, o pai ralhava, e dizia que o melhor era mudarem-na para o estrangeiro, porque talvez longe do carinho da família, ela tivesse mais juizo.

Os avós, extremosíssimos pela neta, intercediam com o pai para que lha entregassem, prometendo torná-la uma criatura perfeita; mas êste tinha receio de que a brandura excessiva de seus pais fôsse prejudicial à filha.

Estavam as cousas neste estado de hesitação quando o padrinho de Ana, velho professor da faculdade de Direito, entrou em casa da afilhada.

—¿Porque está chorando, comadre? preguntou êle à mãe de Ana.

—Ai, meu amigo! esta filha foi um castigo que Deus nos deu. Acaba de ser expulsa do colégio.

—¿Que fizeste para isso? preguntou o padrinho a Ana franzindo o sobr'olho.

—Nada que merecesse uma expulsão.

—¿Mas que foi?

—Garotices.

—Explica-te. Vejamos. ¿Que entendes tu por garotices?

—Arreliar as mestras.

—Como?

—Fazendo-lhes o retrato, imitando-as, e não me importando absolutamente nada com o que elas dizem.

—¿E não tens vergonha de confessar essas faltas? Não vês que passas, a ti própria, um diploma de malcriada?

—Nunca pensei nisso, padrinho, nem mesmo sei o que vem a ser um diploma.

—E' um título ou documento em que se confere a alguêm um privilégio, honras, etc., ou em que se dá a garantia de que a pessoa no nome de quem o documento é passado tem certas habilitações. Os médicos, os advogados, emfim, todos que fazem um curso,

recebem ao terminá-lo um diploma que serve para provar em qualquer parte a veracidade das suas habilitações.



... na saia da mãe

— Não me parece então, disse Ana rindo, que um diploma de malcriada fôsse documento que me trouxesse vantagens.

— ¿Tu não tens vergonha? preguntou o pai entre aborrecido e colérico.

— Começa, paizinho, porque eu não sei o que isso é.

E, voltando-se para o padrinho, inquiriu:

— ¿Que vem a ser vergonha?

Sem se alterar, o velho professor respondeu-lhe:

— E' sentir-se uma pessoa desgostosa por saber que não procede bem. E' um sentimento que costuma trazer o rubor às faces e obriga os olhos a fitarem-se no chão. Mas, dize-me, Ana Maria, ¿estarás tu disposta a ser a vergonha de teus pais?

— ¿Eu padrinho?

— Sim, tu. ¿Que maior vergonha queres, para uma menina, do que ser expulsa do colégio por dar maus exemplos às companheiras?

Ana Maria, vexada, pousou os olhos no chão corando intensamente.

Então, o velho doutor Brandão afirmou-lhe:

— Aí tens a vergonha: é o que estás sentindo.

Ana Maria desatou a chorar e foi esconder o rosto na saia da mãe.

Fêz-se um longo silêncio. Os pais de Ana estavam contristados, os avós aflictos, e o padrinho parecia meditar profundamente. Ana soluçava. Por fim o doutor Brandão disse-lhe:

— Anda cá, minha pequena. Não vás imaginar que eu não sou teu amigo. Estás habituada a ter com os teus pais uma familiaridade muito feia e deixam-te ter uma liberdade de linguagem que se assemelha muito à licença. Os mestres despedem-se por verem

que nada conseguem, do que é justo, para te castigar e estimular, e tu, que és inteligente e podias tornar-te uma criatura instruída e estimável, ficarás parecendo uma estúpida por ignorância e não agradarás a ninguêm, nem mesmo a teus pais, sendo inteiramente falta de educação. O que tu chamas o retrato das mestras são caricaturas em que as ridicularizas. Algumas teem graça e não há dúvida que mostram um certo espírito de observação; mas uma menina bem educada não troça dos seus professores. Tenho pensado muito na má orientação que a tua educação leva por excesso de mimo, e resolvi, se os teus pais estiverem de acôrdo, ser de hoje em diante o teu professor. Vamos passar um mês, os dois sósinhos, na minha propriedade de Mira-Sado e, quando voltarmos, vens viver com teus pais; eu dar-te-hei lição todos os dias e a direcção da tua vida fica a meu cargo.

Voltando-se para os seus compadres, muito queixosos da filha, mas excessivamente benevolentes com ela, o velho professor preguntou:

— ¿Aceitam a minha proposta?

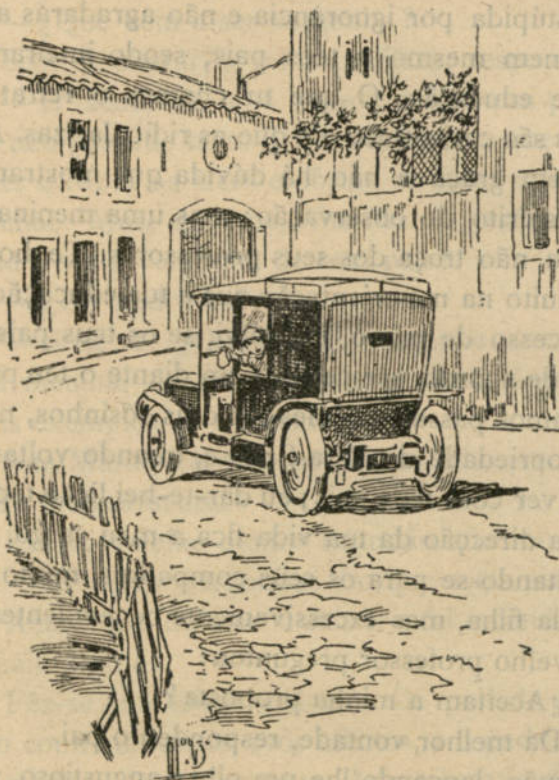
— Da melhor vontade, respondeu o pai.

A mãe, lançando-lhe um olhar angustioso, suplicou:

— ¿Essa ausência dum mês não poderia desaparecer do programa?

— De modo algum. Mas socegue, não vá supor que ela vai ter uma vida de triste castigo. Deixe-a

comigo e verá. Agora não quero mais lágrimas. Ana, vai arranjar as malas: partimos amanhã.



... debruçados da varanda

— Já! exclamou com pena D. Dorotêa, mãe da pequena incorrigível.

— Já, sim. E' amanhã o primeiro dia de setembro e eu quero aproveitar as férias.

Os avós abraçaram-se à neta como se ela fôsse partir para uma longa viagem.

Pouco depois o doutor Brandão despediu-se, recomendando à afilhada que estivesse pronta às oito horas para poderem aproveitar o comboio da manhã.

*

* *

No dia seguinte, ainda mal rompia o sol, e já Ana se queria vestir receiando não estar pronta a horas.

Eram sete e meia quando o automóvel do doutor Brandão parou à porta da casa da afilhada. Ela despediu-se da mãe e, saltando os degraus a quatro e quatro, entrou para o automóvel dum pulo.

O pai seguia-a apressado. Estava comovido. Entregando a filha ao seu melhor amigo, apertou-lhe a mão em silêncio sem pronunciar uma palavra. Emquanto os pais de Ana Maria, debruçados da varanda, seguiam anciosamente com a vista o auto que levava a pequerrucha para Mira-Sado, esta, despreocupada e alegre, como uma louquinha, que era, preguntava ao doutor Brandão:

— Diga-me, padrinho, ¿como é que me tenciona educar?

— Do modo mais simples possível.

—¿E como é o modo mais simples?

— Tu verás.

Quando chegaram perto de Mira-Sado, quinta que

Ana Maria já conhecia por a ter visitado muitas vezes com seus pais, encontraram um pequeno pastor que guardava as ovelhas do doutor.

—¿Vês êste pequeno, Ana?

—Vejo.

—¿Sabes quem é?

—O guarda das ovelhas.

—Isso está naturalmente indicado¿Quem êle é? A que familia pertence?

—¿Como hei de saber isso se eu nunca o vi nem ouvi falar nele?

—Pois fica sabendo que é meu sobrinho Pedro, filho do meu irmão Carlos.

—¿A guardar ovelhas?!

—Sim, a guardar ovelhas. Era estudante do liceu, perdeu o ano duas vezes a fio e para seu castigo veio nas férias guardar as ovelhas. Se tu não fores boa, terás igual sorte.

—Desde o momento em que tenho um companheiro, já me não custa.

—Enganas-te, não terás companhia.

—¿Então hei de andar só pelos campos? preguntou Ana Maria, enfiando de susto.

—Não creio que seja preciso, estou mesmo inteiramente certo que darás excelente conta de ti.

Quando o automóvel chegou perto do pequeno Pedro, o *chauffeur,* que o conhecia e estimava, ia a parar. Mas o doutor, bateu-lhe nos vidros, dizendo com certa aspereza:

— Siga. Eu não tenho que dizer a gente dessa.

O pequeno Pedro pôz-se a chorar e Ana Maria, vendo as lágrimas dêle, deixou as suas correrem, exclamando:

— ¡ Como tu és mau! padrinho. ¡És muito mau!

Sorrindo, o doutor Brandão preguntou-lhe:

— ¿Quando te dei eu confiança para me tratares por tu? ¿Quando te permiti que me censurasses? Tem juizo, minha filha, e repara que o acto que te indigna é justo.

— Justo?!!

— Justo, sim. Meu irmão Carlos tem muitos filhos e faz grandes sacrifícios para poder dar educação a todos. O Pedro, que acabas de encontrar, é preguiçoso, não quer estudar e não pensa que quem não consegue habilitações não tem depois meio de ganhar a vida honestamente. Então meu irmão seguiu o conselho que lhe dei, mandou-o guardar as ovelhas e fazer o serviço do campo. Se se der bem neste mister, novo para êle, e tiver o mau gôsto de limitar as suas aspirações à vida de guardador de gado, meu irmão dá-lhe a granja e os rebanhos, e o rapaz continuará a viver como um trabalhador ignorante e ignorado, não lhe faltando por certo de comer, mas não podendo frequentar a sociedade culta e escolhida que se reune em Lisbôa nas salas de seu pai.

— ¿E porque é que não pode? Não é seu filho como os outros?

— Certamente, mas envergonharia o pai; e êle

próprio se sentiria deslocado e aborrecido entre pessoas cuja conversa não poderia compreender.

— E' verdade, não tinha pensado nisso. Eu, tal-



— Quando o tio João

vez por não saber muitas cousas, não me interesso com a conversa de tôdas as pessoas.

— E' natural.

— Quando o tio João lá vai e começa a falar ao

meu pai em política, faz-me uma impressão immensa! E de quanto êle diz, só uma cousa consegui perceber.

— ¿Qual é?

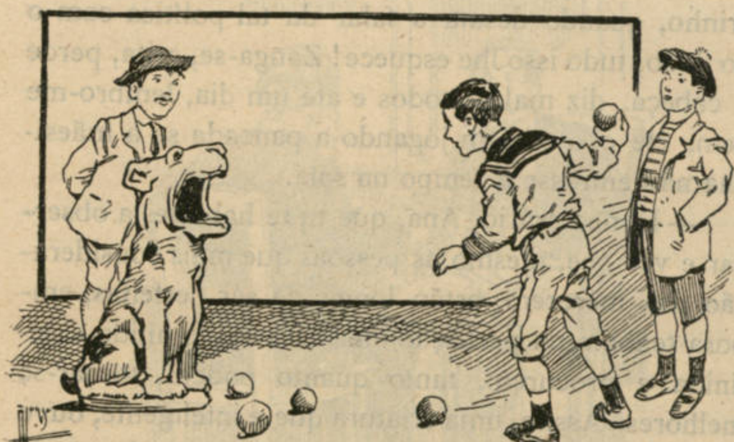
— E' que o pai diz-me a mim e aos primos, que todos devemos ter juizo, ser bem criados, caridosos para os outros e não julgar mal de ninguêm. Pois, padrinho, quando desata a falar da tal política com o tio João, tudo isso lhe esquece! Zanga-se, grita, perde a cabeça, diz mal de todos e até um dia, lembro-me bem, êle e o tio iam jogando a pancada se a mãesinha não entrasse a tempo na sala.

— E' necessário, Ana, que tu te habitues a observar e ver que, mesmo as pessoas que mais consideração nos merecem, estão longe de ser perfeitas, embora tenham da perfeição uma idea muito nítida e definida e procurem, tanto quanto podem, tornar-se melhores. Assim, uma criatura que é inteligente, ouve os bons conselhos e procura emendar em si própria as faltas que vê nos outros. O teu pai tem realmente um génio arrebatado e, se não aprendeu a dominá-lo, não foi por falta de ânimo: teu avô bem se lhe impunha. E' uma questão de nervos... Mas ¿vês tu o mau efeito que te fêz que êle te recomendasse uma moderação que não podia, nem sabia impor-se? Fixa êste caso e aprende a corrigir-te para não dares aos outros um espectáculo que no teu íntimo reprovas.

— Eu não censurei o pai, disse Ana Maria a quem

as palavras do padrinho tinham feito perceber o alcance das que expontâneamente pronunciara.

— Bem sei que não tiveste intenção disso, minha filha, mas o pensamento é livre e não és culpada por o não ter podido dominar. Falemos de outra cousa. ¿Quantos anos tens tu?



. . . e tem a boca aberta

— Vou fazer dez.

— ¿No dia. . . ?

— 15 de maio.

— ¿Que te dei eu no ano passado?

— Uma boneca que dizia papá e mamã.

— ¿E êste? ¿Que queres que te dê?

— O que o padrinho quiser.

— ¿Então tu não tens apetite em cousa alguma?

— Lá isso tenho.

— Então dize.

— Gostava muito de ter um alvo que vi na Kermesse de Paris.

— ¿Como é êle?

— E' um grande cão de *carton pierre*, muito grande, imitando um de S. Bernardo. Está sentado nas patas trazeiras e tem a boca aberta. Ha uma caixa com seis bolas de côr diferente. Cada menino toma uma bola e lança-a de longe. Se o cão a recebe na bôca ganhou, senão paga prenda.

— Está bem, vou mandar comprar o cão e dar-to-hei ainda antes dos teus anos, se tu procurares merecê-lo.

— ¿E que é preciso fazer para isso?

— Estudar as lições, ter bom comportamento e dar aos outros a mesma alegria que tu tens.

— Isso é que é mais difícil.

— Não sei porquê.

— ¿Como hei de eu tornar alegre uma pessôa triste?

— Não há tristeza, por real que seja, que não esmoreça um pouco na convivência duma pessôa moderadamente alegre e sensata.

— ¿Acredita, padrinho?

— Tenho a certeza. Mas, estamos chegados.

Realmente o automóvel parara em frente do portão de ferro de Mira-Sado. O Dr. Brandão apeiou-se, ajudou a afilhada a descer, e, subindo com ela a es-

cada de caracol da sua pequena e original habitação, ia dizendo:

— ¡Tu vais ver que delicioso mês vamos os dois passar aqui!



. . . uma velhinha

Ana Maria não protestava, mas no seu íntimo duvidava um pouco dêsse anunciado bem estar.

Chegando à sala de jantar, o doutor chamou:

— Justina!

— Lá vou, senhor doutor, lá vou. Estou a dar uma volta ao assado para que se não queime... E' um instante.

Realmente, mal estas palavras tinham terminado, uma velhinha muito aceada, mas trôpega, apareceu no limiar da porta que dava para a cosinha, limpando apressadamente as mãos ao avental.

Justina era o modêlo das boas e dedicadas criadas. Fôra ama do doutor Brandão e, tendo acabado de o criar, ficou para criada da mãe, acompanhou esta e o marido nas suas longas viagens e, quando a boa senhora caíu doente, tratou-a com extremos de afecto e dedicação. Assistiu-lhe à morte e tomou desde então o govêrno da casa.

Mais duma vez o doutor Brandão quís sentá-la à sua mesa, e instou com ela para se vestir como senhora. A boa velha respondia-lhe:

— Crédo! ¡Não me faltava mais nada! Cada qual, meu menino, sente-se bem no seu lugar. Eu não sei de delicadezas, gosto de pegar com a mão nos ossos, para os roer, e de comer as sardinhas assadas metidas no pão, e a fruta com casca. Se eu tivesse de comer diante do meu menino, êle tinha nojo da sua ama e havia de voltar a cabeça com desgôsto mais duma vez para não ver a maneira como ela come. Se assim não sucedesse, seria eu quem me devia lamentar por estar contrafeita a todos os segundos.

O doutor, reconhecendo que a velhinha tinha razão, não insistiu. Como em Mira-Sado as cousas cor-

ressem mal por pouca probidade dos caseiros, Justina, sempre dedicada a seu amo, foi fixar residência ali. A quinta tornou-se em breve digna de ser vista. Os caseiros foram despedidos e a velha Justina, com um amplo chapéu de palha na cabeça, passava os dias



... com um amplo chapéu

à frente dos trabalhadores, fazendo meias para os pobres da freguezia, e ordenando os trabalhos que vigiava constantemente. Todos a estimavam porque era boa e caridosa e ela vivia feliz porque zelava como ninguêm os interêsses do seu menino. O doutor tinha-lhe anunciado a chegada por um telegrama, e ela apressara-se logo a ir matar a melhor galinha que ti-

nha na capoeira e a ir preparar-lhe um jantarinho modesto, mas feito com o cuidado e apuro duma pessoa que conhecia os mais fundos mistérios da insigne arte culinária.

O doutor Brandão abraçou afectuosamente a sua velha ama, e depois, empurrando Ana Maria para os braços dela, disse-lhe:

— Minha cara amiga, trago-te a afilhada em quem tanto me ouves falar e que já cá tens visto. Os pais iam-ma estragando com mimo. Eu prometi que a levaria de cá uma pessoa inteiramente modificada e, escuso dizer, contei com o teu auxílio.

— Fêz bem, fêz bem. Ela tem cara de ser uma excelente menina.

Ana Maria, muito embezourada, pensava:

— ¿Para que me pode servir de mestra o estafermo da velha? O padrinho sempre tem cousas mais extravagantes!

Foram jantar.

— Que boa que está esta sopa! exclamou Ana a quem o longo passeio tinha feito apetite.

— ¿Sabes como se faz?

— Eu?! Não. Só sei comê-la.

— Pois has de aprender a fazê-la. ¿O que é preciso para fazer um caldo de galinha?

— Ter o pobre animal.

— ¿E depois?

— Matá-lo.

— ¿Sabes como se mata uma galinha?

— Não. A mamã nunca me deixa ver como é.

— Pois faz muito mal tua mãe. Uma mulher deve aprender a fazer tudo quanto lhe pode ser preciso.

— Mas, padrinho, eu tenho mêdo de matar a galinha.

— O mêdo é um sentimento que uma pessoa enérgica domina e vence.

— Mas...

— Não te preocupes com isso. No dia seguinte àquele em que voltarmos a Lisbôa, has de fazer um bom jantar para os teus pais comerem e eu também.

Ana Maria não replicou, mas ficou inquieta.

Nessa tarde deram um longo passeio pela quinta e, quando regressavam, Ana avistou ao longe o Pedro, que tocando numa gaitinha de cana voltava para casa com as suas ovelhas.

— Lá vem o seu sobrinho, padrinho.

— Está proibido de me falar durante estas férias.

A pequena nada respondeu e, fitando tristemente os olhos no chão, seguiu para casa o doutor a quem no seu íntimo achava duramente severo.

* * *

No dia seguinte ainda dormia quando lhe bateram de manso à porta do quarto.

— ¿Quem é? preguntou ela estremunhada.

— Sou eu, a Justina.

— Entre. ¿Que é?

— O padrinho manda-lhe dizer que se levante, e que vá ter com êle ao escritório sem demora.

— ¿Então não posso dormir mais um bocadinho?

— Hoje não ha licença.

Sem protestar, Ana Maria levantou-se e pensava:

— Se eu tivesse sido uma menina obediente e bem comportada não tinha vindo para aqui e ninguêm me obrigava a matar galinhas. Deus queira que o padrinho estivesse a brincar; se falou sério não sei o que vai ser de mim.'

— Ora muito bons dias, minha flor! disse o doutor assim que a avistou. Vamos à arribana beber um bom copo de leite mungido para depois darmos um passeio.

Ana beijou-o sem entusiasmo e respondeu em tom submisso:

— Vamos lá.

— ¿Estás triste?

— ¿Eu?! Não.

— ¿Então que quer dizer êsse tom de voz?

— Tenho somno ainda.

— Logo dormes. Quando se alteram os hábitos é sempre um grande incómodo nos primeiros dias. Depois, has de ver, és tu que não quererás ficar na cama.

Foram. Ana Maria era muito gulosa. Quando Justina lhe estendeu uma grande caneca a transbordar de leite espumante e lhe deu duas fatias de pão bar-

radas de nata e cobertas de açúcar, quási se esqueceu da arrelia que tinha sentido ao fazerem-na levantar. Terminada a breve refeição, o doutor disse-lhe:

— Podes correr e brincar por onde quiseres. Eu



...tocando uma gaitinha de cana

vou-me sentar aqui a ler êste livro á sombra. Quando eu tocar aquela sineta vens a correr ter comigo.

E apontava um sino pequeno pendurado à esquina da ermida.

Ana Maria afastou-se contente. A idea de poder

correr por onde quisesse sem estar a todo o instante a conterem-lhe os desejos, quási a reconciliou com a estada no campo.

Insensívelmente dirigiu-se para a porta da quinta, fêz girar vagarosamente o portão nos gonzos e tomou o caminho do pinheiral onde na véspera vira o pequeno Pedro a guardar as ovelhas. O caminho, andado pelo seu pé, pareceu-lhe muito mais longo. Afinal avistou-o sentado numa frágua, ameigando uma das ovelhas.

— Pobre rapaz! pensou Ana Maria compadecida. Êle é muito mais infeliz do que eu.

E assim que chegou ao alcance da voz chamou o:

— Pedro!

O rapazote ergueu a cabeça e, vendo uma menina inteiramente desconhecida, julgou que não era com êle.

A afilhada do doutor aproximou-se:

— Então, menino, ¿não me ouviste chamar?

— Ouvi, mas... como a não conheço...

— Eu te digo quem sou. Nunca ouviste o teu tio falar na sua afilhada Ana Maria da Silva?

— Ouvi.

— Pois sou eu. ¿Tu sabes brincar?

— ¿Então não hei de saber?

— ¿E de que gostas mais: de estudar ou de guardar ovelhas?

— Estudar é melhor.

— A mim tambêm me parece.

— ¿ De que jôgo gostas mais?
— Sei lá. Assim de repente não sei dizer.



. . . ameigando uma das suas ovelhas

— ¿ Tu onde jantas?
— Na cosinha com a Justina e o abegão.

E, afirmando isto, o pequeno Pedro corava até às orelhas.

— ¿E comes bem?

— Como, porque a Justina é muito boa mulher, e, apesar das ordens severas do tio, sempre arranja qualquer petisquinho às escondidas para me dar.

— ¿Às escondidas?

— Sim. O tio disse-lhe diante do abegão: «o rapaz só come do que êste comer» e êle é muito capaz de ir dizer ao tio que ela me dá mimos.

— ¿Queres jogar as cinco pedrinhas?

— Pois sim.

Estavam os pequenos muito entretidos no inocente folguedo, quando a sineta vibrou nos ares.

— É o padrinho a chamar-me.

— ¿Já não volta hoje para brincar?

— Se eu puder...

— Então até logo.

— Até logo.

E Ana Maria partiu correndo.

— ¿Onde estiveste? preguntou o doutor suspeitoso, vendo-a chegar ofegante de cansada.

— Fui ver o seu sobrinho.

— ¿Eu não te tinha dito que êle devia estar só?

— Disse.

— ¿Para que me desobedeceste?

Olhando francamente para o doutor, Ana Maria confessou:

— Tive dó dele e fiz bem. O pobre pequeno está

arrependido. Antes quer estudar do que guardar ovelhas e o que mais o penaliza é não ter com quem falar... Se o padrinho deixasse que eu lhe fizesse companhia...

— Veremos. E' preciso ver como vocês se portam. Tu, para pedir um favor, começas por desobedecer: ¿como queres ser atendida? Mesmo com vontade de te ser agradável, é impossível.

Isto foi dito com tanta pena que Ana Maria involuntáriamente concordou:

— Tem razão.

Satisfeito, o doutor aplaudiu:

— Ainda bem que o notas. É prova que ha em ti espírito de justiça.

E pegando na mão da afilhada, passou-a no seu braço, dizendo:

— Vamos ver matar a galinha.

— Não, padrinho, por amor de Deus, não, suplicou Ana.

— Tem de ser. Ora imagina que cresces, que um dia tua mãe adoece, estás sem criada e é urgente matar uma galinha. ¿Que fazes tu?

— Chamo a primeira pessoa que passe e peço-lhe...

— É obrigação de todo o individuo não pedir auxílio emquanto o pode escusar. Vamos lá ter com a Justina que já deve estar à nossa espera.

Ana Maria viu que era inutil teimar,

Justina tomou a galinha e chamando Ana para junto de si, ensinou-lhe o preceito de matar.

Muito pálida, com as lágrimas pendentes das espessas pestanas, Ana assistia em silêncio à execução. Depois a ave foi levada para a cozinha, e aí Justina exigiu que a afilhada do doutor a ajudasse a depenar.

Vendo que tinha de ser por fôrça, Ana fazendo das *tripas coração*, como vulgarmente o povo costuma dizer, ajudou a depenar a galinha. Em seguida a criada abriu-a, preparou-a, e foi-lhe dizendo:

— Amanhã tem de fazer tudo que hoje me viu fazer; por isso repare bem.

— ¡Eu hei de matar! pensou Ana Maria com terror, Deus me acuda.

— Agora, disse o doutor, vais estudar as lições para depois irmos almoçar.

Ana Maria fêz uma careta, mas, sem observação alguma, foi pegar nos livros e sentar-se à mesa que o padrinho lhe indicou.

Ao almôço teve uma surpresa agradável: dentro do guardanapo encontrou uma caixa pequenina de veludo vermelho contendo um anel de ouro liso com uma data gravada:

— Ai! tão bonito! ¿E' para mim?

— E'. A data que tem gravada é aquela em que eu vou empreender a tua educação. Quando êsse te não servir, dar-te-hei outro maior.

Ana Maria ficou radiante. As crianças são assim.

Em tudo encontram motivo para riso e lágrimas. Tornou-se faladora, olhava para a mão, que mexia a todo o instante sem necessidade para ver o efeito do anel, e não se trocaría, naquela ocasião, por ninguêm.

Quando o almôço terminou, tornou a ter licença de brincar durante uma hora, mas sem saír da quinta.

Deu lição seguidamente e depois foi com Justina aprender a lavar lenços, passar a ferro e fazer o jantar.

Gostou muito de tôdas estas ocupações a que não estava acostumada, mas de tôdas elas a que mais lhe agradou foi cozinhar. Justina, no tom sentencioso duma pessoa que é sábia no assunto de que trata, afirmava-lhe:

— Minha menina, a sciência dos guisados está no refogado. Fazer um refogado como deve ser, sem lume nem de mais nem de menos, muito loirinho, com os competentes temperos deitados na devida conta, nem todos sabem.

Ana Maria escutava-a com atenção e, migando a cebola, os seus olhos choravam.

— Ardem-me os olhos, Justina, ardem-me muito.

— ¿Para que os põe quási em cima da cebola? Esse picado deve fazer-se a distância. Olhe, assim.

E a lição continuou com grande gáudio da mestra e da discípula. Á noite, o doutor lia um livro de histórias bonitas e instrutivas, que fazia as delícias da Justina e da afilhada, e esta, ensinada pela velha, aprendia a fazer meia ou costura.

Ao fim de oito dias, que passaram como por encanto, apesar de Ana ter tido que matar a galinha, preguntou o doutor à afilhada:

— ¿ Que queres que te conceda por prémio da tua boa conduta e aplicação?

— ¿ Faz-me o que eu lhe pedir?

— Faço.

— Então tire seu sobrinho de guardar as ovelhas. Está tão arrependido e triste que merece piedade.

— ¿ Achas?

— Acho e o meu padrinho também acha. Tenho a certeza disso.

— Pois bem... Vai dizer-lhe que, de amanhã em diante, não tornará a guardar gado e pode vir comer à mesa.

Ana Maria lançou-se ao pescoço do doutor com um ímpeto de excessiva alegria e, depois de o cobrir de beijos, saíu correndo para levar a notícia ao interessado.

Pedro entretinha-se construindo no chão uma casa de terra rodeiada de jardins, minúsculos como ela. Vendo ao longe Ana, ergueu-se e correu ao seu encontro:

— Nunca mais vieste! disse êle tratando-a por tu, no auge da alegria.

— Não foi culpa minha, o padrinho é que me não deixou tornar. Mas hoje trago-te uma boa nova.

— ¿ Que é?

— Adivinha.

— Não sei.

— O teu tio manda-te dizer que é hoje o último dia em que guardas ovelhas.

— ¿Sério? preguntou êle cheio de júbilo.

— Muito sériamente.

— Não poder eu correr a agradecer-lhe!

— Vai, eu tomarei conta no gado entretanto.

— ¿E se êle se zangar?

— Qual zanga! Ninguêm se ofende por lhe serem reconhecidos.

— Então até já.

— Não te demores.

E Ana Maria sentou-se na frágua seguindo com os olhos o seu pequeno amigo, que no desejo de a não prender ali por muito tempo, parecia ter asas para voar ao longo da campina.

A afilhada do doutor pensava:

— Pobre rapaz! Que triste vida tem sido a dêle ha tanto tempo! E queixava-me eu de ter vindo para aqui! O meu padrinho tem razão quando diz que não ha ninguêm que não encontre quem não sofra mais do que sofre.

Pedro demorava-se. Então Ana, para encurtar o tempo, pôs-se a cantar:

Colibri, colibri, colibri,
Biribi, bi, bi!

Não ha ninho mais gracioso
Que o do gentil colibri!
De tanto ninho que hei visto
Mais bonito, inda o não vi.

E' duas vezes por ano,
Na Primavera e no V'rão,
Que põe dois ovos minúsculos,
Sobre o nevado algodão;

Que forra o ninho por dentro
Tão pequenino, tambêm,
Que meia casca de noz
Maior tamanho não tem.

O Colibri não tem canto.
Murmura confusamente
Mil ternuras em tom meigo.
Vivo, alegre, inteligente:

Colibri, colibri, colibri,
Biribi, bi, bi!

A mãe abriga os filhinhos,
Sob as pequenas asinhas,
Emquanto o pai vai buscar
Mel que lhes põe nas lingúinhas.

Na infância, até aos três anos,
Vestem com simplicidade.
E' só depois de crescidos
Que se adornam com vaidade.

Então rubis e esmeraldas
As safiras mais preciosas
Têem inveja das galas
Destas aves tão formosas.

Colibri, colibri, colibri
Biribi, bi, bi!

E' durante doze dias
Que chocam os seus ovinhos,
Ao fim dos quais, aparecem
Dois lindos pequerruchinhos.

Os pais protegem-nos, criam-nos,
Com grande dedicação.
Se alguêm lhes rouba os seus filhos
Vôam atrás do ladrão.

Mal não lhe podem fazer,
Mas vão-no sempre seguindo
E com risco de morrer
O seu dever vão cumprindo.

Colibri, colibri, colibri
Biribi, bi, bi!

Através das gradesitas
Duma doirada prisão
No seu bico estreito e longo
Alimento aos presos dão.

Afrontam todos os p'rigos
Mesmo as serpes que os namoram
Que, se os logram apanhar,
No mesmo instante os devoram.

A serpente, sem barulho,
Procura atingir o ninho,
Mas o mais leve rumor
Acorda o bom passarinho.

Colibri, colibri, colibri
Biribi, bi, bi!

Soltando gritos agudos
E a plumagem erriçando,
C'o seu bico ponteagudo,
Vai-lhe os olhos atacando.

Tão ousado é na defeza
Êste gentil combatente,

Que vence enormes aranhas
E cega a grande serpente!

Dá Deus aos que não tem fôrça,
Astúcia e habilidade
Para poderem lutar
Sem haver desigualdade.

O Colibri, uma môsca,
Logra a serpente cegar!
Assim, tambem, quem é fraco
Pode um forte aniquilar.

Colibri, colibri, colibri
Biribi, bi, bi!

Ninguêm desdenhe os raquíticos
Por terem corpo franzino:
Nem sempre os bem construídos
Têm mais talento, ou mais tino.

Quem desdenha é pouco esperto
E raras vezes é bom.
Assim pensa o Colibri
Dizendo no mesmo tom:

Colibri, colibri, colibri
Biribi, bi, bi!

— O' Ana! O' Ana! gritava ao longe a voz do doutor Brandão.

— ¿Que é, Padrinho?

— Vem daí, que o Luís da Rosa já vai tomar conta das ovelhas.

— ¿Então o Pedro?

— Mostrou-se tão arrependido e pezaroso do seu passado procedimento, que eu resolvi que já hoje jantaria comnosco para dar a sua opinião acêrca do teu doce.

Ana Maria, alegre de ver suspender um castigo que tanto a penalizava, correu a abraçar o doutor. Êle, satisfeito de se ver tão acarinhado, não pôde deixar de afirmar:

— O que é a educação bem dirigida! Como tu estás diferente daquela Ana lisboeta, voluntariosa, egoista e má!

— Não falemos em cousas tristes, padrinho.

— Tens razão: não falemos.

— ¿Onde está o seu sobrinho?

— Ficou a mudar de fato e já vem ter comnosco.

— ¿E onde vamos?

— Dar um pequenino passeio porque são quási horas de jantar e estou ancioso por aplaudir os progressos da minha afilhada na culinária.

— Eu hoje só fiz o doce.

— ¿E então? Se estiver bom já não é pouco. ¿Estudaste tu as lições?

— Na ponta da língua.

— Havemos de ver isso.

— Olhe o resumo da minha lição de botânica é isto: «As flores, como as fôlhas, são dotadas de movimento. Umas seguem o movimento aparente do sol; outras abrem ou fecham a sua corola a diversas horas do dia, mais ou menos certas, segundo o estado da atmosfera.

— Está bem.

— O' padrinho; ¿porque é que se não faz um relójio de flores? Era bonito, pois não era?

— Era, se as suas indicações não estivessem longe de ser exactamente rigorosas.

— Se fosse exeqùivel, eu punha-lhe o nome de «relójio de Ana Maria».

— Mas isso não podia ser porque tu não inventaste nada. Já em tempo o grande naturalista sueco Lineu fez uma lista das flores que se fechavam ou abriam durante o espaço das vinte e quatro horas, e chamou-lhe *O Relojio de Flora.*

— Ora eu que estava convencida de que tinha tido uma idea que nunca passara por nenhuma outra cabeça!

— Que vaidade tão tolinha!

— Aí vem o Pedro.

Realmente, ao fundo da rua acabava de aparecer o pequeno pastor, mas vestindo um fato de veludo cinzento, com colete branco, e colarínho e punhos de linho muito bem engomados. Os seus cabelos loiros, muito bem penteados, contrastavam com o desalinho

inculto dos primeiros dias em que o vira. Muito admirada, a afilhada do doutor exclamou:

— Que elegante que êle vem! ¿Quem ha de dizer que é o mesmo rapaz que esta manhã guardava as ovelhas?

O doutor concordou, dizendo:

— O fato, e o modo de o usar é que dão ás pessoas um ar diverso.

— Mas, mesmo abstraindo do fato, padrinho, ha pessoas com caras simpáticas e bonitas e outras feias e simpáticas, e muito lindas e antipáticas; ¿porque é?

— Aí tens uma cousa que eu não posso nem sei explicar, embora tenha visto várias opiniões sôbre o assunto, que a meu ver nada adiantam, apesar do tom dogmático em que estão expressas.

— ¿O que vem a ser um tom dogmático, padrinho?

— E' um tom sentencioso. Isto figuradamente, porque à risca quer dizer um tom irrefutável, que não admite dúvida, como os pontos de doutrina religiosa considerados indiscutíveis, aos quaes os teólogos dão o nome de dogmas. Dogmática é a sciência dos dogmas.

Pedro acabava de chegar junto do tio e da sua pequena amiga. Estava pouco à vontade; parecia-lhe, no seu íntimo, que ainda não fizera o bastante para merecer a honra de ser de novo admitido no seio da família.

O doutor, que era a própria bondade, percebendo-lhe a coacção, concedeu:

— Vão os dois correr por essas ruas. Eu, na minha idade, já não posso tomar parte nessas folias. Sento-me neste banco e está combinado que aqui é o coito.

Os pequenos não quiseram ouvir mais.

Ana Maria exclamou:

— Um, dois e três.

E largou a correr por uma rua larga da quinta, orlada por estreitos canteiros guarnecidos de violetas, nos quais estavam desabrochadas lindas e desenvolvidas cinerárias, ostentando as mais belas e variadas côres.

A violência da carreira, os risos causados pela perseguição nem sempre seguida de êxito, o prazer de alcançar o coito sem ser tocado, arrancavam às crianças gargalhadas cheias de prazer e gritos de vivo entusiasmo. A alegria é comunicativa: dentro em pouco o doutor Brandão ria tanto como êles e, sem saír do seu banco, interessava-se vivamente no jôgo.

No melhor da brincadeira, a figura alquebrada de Justina mostrou-se a uma das janelas do primeiro andar:

— ¿Então? exclamou ela no tom benevolente que lhe era peculiar, ¿esta gente não tem ainda vontade de comer?

— Uma fome devoradora, afirmou o doutor erguendo-se com manifesta pressa.

— E eu! E eu! exclamaram as duas crianças precipitando-se para a porta de casa.

Momentos depois, a velha Justina punha uma terrína, cheia duma sopa explêndidamente odorífera e fumegante em frente do lugar de Ana Maria e ela, sem se atrapalhar e com a naturalidade de uma boa dona de casa, começou a servir o padrinho, o Pedro e depois a si própria.

—¿Então, perguntou admirado o sobrinho do doutor, cá em casa já se não servem os pratos em volta da mesa?

—Não. Eu estou ensinando a minha afilhada a ser uma boa dona de casa. Antigamente as senhoras portuguesas é que repartiam a comida à mesa. Eu gosto que Ana Maria saiba os costumes da sua terra e não se atrapalhe com êles.

—O' tio, ¿mas êsse não é um uso que tende a desaparecer?

—Certamente. Nisto, como em tudo, a lei do menor esfôrço é que impera, mas aquilo que tínhamos por bom não devia terminar.

—Eu acho que é muito mais agradável servir-se cada um a si próprio: tira o que quer, observou Pedro.

—Mas se todos forem bastante egoistas para escolherem sempre o que lhes parecer melhor, os outros, servidos depois, ficarão sempre mal, ¿não é assim, padrinho? indagou Ana Maria, muito vaidosa do seu papel de distribuidora.

—Numa mesa a que se assentem pessoas já educadas, isso não se dá; mas nos colegios, ou nas casas

em que as mães não são bastante elegantes para se privarem à comida da companhia dos filhos, a distribuição é uma necessidade imperiosa.

— Eu gosto de fazer os pratos, afirmou Ana, perguntando ao padrinho se queria mais arroz.

Êste respondeu negativamente, mas íntimamente estava regosijado por ver como a afilhada cumpria com naturalidade e graça os seus deveres de dona de casa.

Chegou o creme. Então é que Ana Maria teve uma verdadeira ovação. A travessa despejou-se como por encanto.

— Com franqueza, Justina, perguntava o doutor interessado, ¿é certo que a não ajudaste em nada?

— Certíssimo. Ela viu-mo fazer duas vezes e ficou sabendo.

— Pois minha querida pequena, quási que estás trabalhando melhor do que a mestra.

— Isso é que não, reclamou a velha ama quási ofendida; está para nascer quem faça doces melhor do que eu.

Quando o jantar terminou, o doutor disse aos dois pequenos:

— Que preferem amanhã que é domingo: ¿irmos à cidade visitar seus pais ou irmos passar o dia a casa da prima Eduarda, que mora a poucos metros daqui numa casinha muito pequena e bonita?

— Ir aos pais, isso nem se pergunta, responderam os pequenos, batendo as palmas de contentes.

— Ainda bem que não me enganei supondo êsse o passeio preferido; eu desejava poder fazer-lhes à vontade, mas opõe-se a isso uma razão poderosa.

— ¿Qual é? preguntaram ao mesmo tempo as duas crianças.

— Eu prometi a vossos pais levá-los inteiramente modificados e, bem que tenha encontrado em ambos boa disposição, devo confessar que um mês é muito pouco para conseguir tudo que desejo, mesmo empregando todos o esfôrço dos seus corações em me secundar. Por isso amanhã iremos a casa da prima Eduarda. E' professora cá da aldeia e tem uma letra linda. Quero que vocês modifiquem um pouco a sua caligrafia e ela tem a habilidade de conseguir isso dos alunos em menos de oito dias.

*

* *

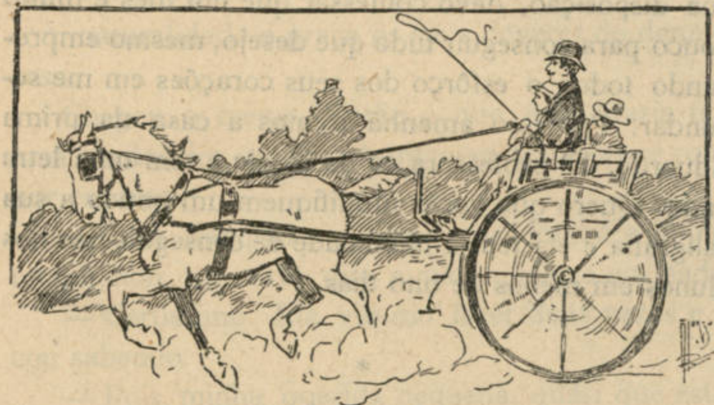
A manhã de domingo apareceu formosa.

O doutor Brandão mandou pôr o carro e, logo que terminaram a primeira refeição, dirigiram-se para a igreja. Ana Maria pediu para guiar o breque, o que lhe foi concedido e, conversando e rindo, chegaram à igreja.

Era pequena, mas bonita e estava cheia de gente até à porta. Na capela mor, ornada de flores e luzes, havia um sítio reservado para a família Brandão.

O doutor fêz ajoelhar Ana no genuflexório que an-

tigamente servira a sua mãe. Estava quási a missa em meio quando a professora, prima do doutor, entrou na igreja. Era uma velha, vestindo como se fôsse uma menina, com os cabelos vermelhos de água oxigenada, as saias muito estreitas e curtas, e um sapato muito apurado que ela procurava tanto quanto possí-



... para guiar o breque

vel pôr em evidência. A cara, cheia de pó de arroz mal pôsto, era deveras exquisita.

As duas crianças, que a não conheciam, trocaram um olhar e tiveram uma perdição de riso a custo sufocado. O doutor não deu por isso, absorto na contemplação dum retábulo precioso do altar que lhe estava à esquerda.

Quando a cerimónia terminou, saíram da igreja e as crianças foram apresentadas à prima Eduarda, que

as animou. Snbiram de novo para o carro que se dirigiu para casa da professora onde estava resolvido passarem a tarde.

Eu não sei se os meus pequenos leitores estão lembrados de que Ana Maria era dotada dum inexcedível geito para a caricatura e de que essa habilidade lhe valera em tempo ser expulsa do colégio. Vendo a prima Eduarda tão ridícula, Ana não pôde resistir à tentação de lhe fazer a caricatura: pôs-lhe as saias mais curtas ainda, e desenhou-a erguendo a saia e cantando como em os Sinos de Corneville:

> **Olhai, olhai, admirai**
> **Que isto é bom, é bom de lei.**

e com o pé muito espetado e exageradamente pequenino.

Pedro, emquanto ela desenhava, seguia-lhe o trabalho com atenção, e tão absortos estavam ambos, que não deram por que o doutor e a prima se aproximaram para espreitar também.

D. Eduarda soltou um grito de raiva e, fundamente indignada, deitou a mão ao papel na ânsia de o esfrangalhar.

O doutor, muito aflito, apertava uma das mãos na cabeça e com a outra apontava para uma escada, que subia directamente da sala em que estavam para a que lhe ficava superior.

— Vá, suba lá para cima e sente-se ao canto de castigo.

Ana Maria, um pouco vexada pelo resultado da sua obra, apressou-se a obedecer, mas ao passar por Pedro trocou com êste um olhar e involuntáriamente dispararam ambos uma enorme gargalhada.

— ¿Vê isto, primo, vê? gritou fora de si D. Eduarda.

— Vejo, prima, vejo, e estou sinceramente maguado com tudo que se passa. Creia que, se eu julgasse que a minha afilhada era capaz dum acto tão incivil, não a tinha trazido a sua casa. Desculpe-me, porque o verdadeiro culpado sou eu.

Ouvindo estas palavras, pronunciadas pelo doutor em tom compungido, D. Eduarda retomou a serenidade habitual e, lembrando-se de que estava em sua casa e devia usar de urbanidade, volveu:

— Por Deus, primo, não falemos mais em tal: é uma brincadeira de crianças que não tem importância, e espero da sua gentileza um favor.

— Diga, prima, se eu puder servi-la, conte comigo.

— Então levante o castigo à Ana Maria. Pela primeira vez que vem à minha casa não quero que leve dela uma má recordação.

— V. Ex.ª manda.

— Então, minha filha, vá com o seu amiguinho brincar para o jardim e nunca mais faça maldades.

Ana Maria era leviana, mas tinha bom coração;

quando viu que D. Eduarda intercedia para que lhe fôsse perdoada a falta, comoveu-se, e, não querendo sentir que ela lhe era moralmente superior, desceu a escada, ajoelhou em frente da ridícula prima de seu padrinho e disse com sinceridade:

— Perdôe-me, minha senhora, andei mal, mas não tinha intenção de a ofender.

D. Eduarda, que era boa apesar dos seus ridículos, sensibilisou-se, apressou-se a levantar a pequena nos braços e, já muito contente com ela, exclamou alegremente:

— Ora assim é que é bonito. Quem tem bons sentimentos tem sempre perdão de Deus e de todos. Vão brincar, vão.

Os pequenos saíram correndo para o jardim. Momentos depois as suas gargalhadas cristalinas, cheias de viva alegria, estalavam espontâneas e irresistíveis.

D. Eduarda e o doutor conversavam amigávelmente, tendo esquecido o desagradável incidente, mas estava escrito que aquele dia devia ser marcado como infeliz para a pobre D. Eduarda. Saíndo para o jardim, as crianças começaram a correr e a perseguir-se mútuamente; as ruas eram estreitas e os canteiros feitos com betume. No entusiasmo das corridas, os pequenos não calculavam e pisavam os canteiros sem dar por isso. Chegando ao termo do jardim, Pedro chamou a atenção da sua pequena companheira para uma árvore coberta de deliciosos frutos.

— ¿Vamos comê-los? propôs imediatamente Ana.

— ¿E se nos ralham?

— Qual! Ninguêm dá por isso.

— Olha que me parece disparate, observou judiciosamente o prudente rapaz.

— Disparate era ver e não comer, respondeu prontamente Ana.

E juntando o acto às palavras, trepou pela velha figueira e começou a comer os figos.

Pedro não resistiu a imitá-la.

Momentos depois esquecidos de que estavam em casa alheia, esquecidos de que existia um doutor Brandão e uma prima Eduarda, êles comiam figos sôbre figos, discutindo qual apanhava os melhores. Com as mãos sujas, as bôcas lambuzadas, os dois pequenos comiam à porfia, quando a voz aguda do doutor os fêz estremecer. Preguntava:

— ¡O' meninos, meninos! ¿Onde estão vocês metidos que ninguêm os sente?

— Aqui, padrinho, aqui, exclamou Ana saltando da figueira e limpando à pressa a bôca e as mãos à saia de baixo.

Pedro imitou-a, servindo-se do lenço de assoar, e ambos sem trocarem palavra, tendo-se entendido pela troca dum olhar, foram aparecer ao doutor pelo lado oposto àquele onde estava a figueira.

— ¿Que andavam vocês a fazer?

— Procurávamos borboletas para a sua colecção, padrinho.

— ¿ E já apanharam alguma ?

— Vontade não nos falta, mas elas fogem sempre diante de nós...

— Bem, bem, vamos ter com a prima Eduarda que está à nossa espera para jantar. Vejam lá se estão à mesa com o juizo devido, ou se me causam mais algum dissabor.

Os pequenos, receiosos de faltar, nada prometeram.

Foram lavar as mãos, compor o cabelo, e vieram sentar-se à mesa com o propósito de pessoas sensatas e bem comportadas.

O vestido de Ana era bonito, mas enfeitado de mais para se considerar um trajo de bom gôsto. As mangas eram tôdas guarnecidas com botões fingindo ser abotoadas de cima até abaixo. Do resto do vestido não falo, porque só as mangas de Ana tem importância para a história que lhes estou contando.

D. Eduarda tinha o doutor sentado à direita e Ana Maria à esquerda. Em frente sentava-se o pequeno Pedro.

A sopa foi comida em silêncio. Depois, a pouco e pouco, a conversa animou-se e dentro de alguns instantes todos escutavam com grande atenção as lendas antigas que D. Eduarda sabia desde pequena e contava a primor.

No maior auge da animação, quando o auditório estava aquecido pelo entusiasmo de estranhas maravilhas e D. Eduarda, radiante de ser escutada, já nem

se lembrava do facto que nessa manhã tanto a afligira, no entusiasmo da conversa, engasgou-se, levou o guardanapo aos lábios, deixou-o escapar da mão e baixou-se rápidamente para o apanhar.

No empenho de a preceder amávelmente, Ana Maria secundou-lhe o gesto, mas, vendo que já não ia a tempo, levantou-se trazendo preso nos botões da manga o chinó de D. Eduarda. A consternação da pobre senhora foi tal que perdeu os sentidos. Ana Maria defendia-se enérgicamente sem que ninguêm tentasse acusá-la :

— Eu não tive culpa, padrinho, nem mesmo sabia que os seus cabelos eram postiços. Isto acontecia a qualquer.

— Bem vi, respondeu lacónicamente o doutor, empenhado em fazer voltar a si a pobre velha.

Pedro lembrou:

— ¿ E se lhe puséssemos o chinó antes de ela voltar a si para que se não visse já neste estado?

— Tens razão, apoiou o doutor, ajuda Ana a soltar a cabeleira do botão.

Foi dito e feito; mas quando os pequenos, ajudados pelo doutor, lhe iam colocar de novo o chinó na cabeça, êste, deslocando-se para um lado, deu-lhe à fisionomia um ar tão cómico, que o próprio doutor, e até a antiga criada de D. Eduarda, desataram a rir.

Emfim tudo se compôs. E, quando D. Eduarda voltou a si, levou apressadamente a mão à cabeça

para saber se lhe faltava a cabeleira. Vendo que não, preguntou ansiada:

—¿Que foi isto?

—Não sei, prima, não posso atingir... talvez alguma tontura... ¿Estaria fraca?



... um ar tão cómico

E emquanto falava, recomendava à velha criada, por um olhar eloqùente, que fôsse discreta.

Ela, para mostrar que tinha entendido, disse a sua ama:

—Credo! Ainda não estou em mim. A senhora

levou as mãos à cabeça com uma tal ânsia que parecia receiar que lhe arrancassem os cabelos!

Olhando desconfiada para os seus convivas, D. Eduarda afirmou:

— Foi exactamente a sensação de me arrancarem os cabelos que eu senti.

— E' uma impressão natural na síncope.

E bem que estivesse desejoso de mudar de assunto, o doutor disse:

— ¿Costuma ter isso muitas vezes?

— Não. É a primeira vez que perco os sentidos.

Estava felizmente passado aquele ridículo acontecimento, mas Ana e Pedro não tinham entrado com o pé direito em casa de D. Eduarda.

Quando, já próximo de se retirarem, a velha professora agradecia a seu primo o prazer que lhe dera, vindo e trazendo a sua casa os pequenos hóspedes, lembrou-se de os presentear com os esplêndidos figos da sua figueira, a melhor que existia em dez léguas ao redor. Pediu um cabaz à criada e encaminhou-se com o desprevenido doutor para o sítio onde estava a magnífica árvore.

Ana e Pedro trocaram um olhar significativo:

— Nunca o primo, dizia a professora, teve ensejo de comer melhores frutos. São uma verdadeira especialidade. Eu, por causa da Angélica, que é gulosa, trago-os contados: são quarenta e seis.

Ana e Pedro sentiam vontade de se sumirem pelo chão abaixo.

Ana, que era a mais audaz, afirmou:

— Já não são.

— Não são!

— Não, porque eu, não sabendo que V. Ex.ª os tinha reservados, desafiei o Pedro a subir comigo à figueira e achámo-los tão bons, que poucos lá ficaram.

— ¿ Isso faz-se, Ana Maria? preguntou vivamente contrariado o bom doutor. ¿ Onde é que a menina viu apanhar sem licença frutos que nos não pertencem?

— Não discorri, padrinho.

— E' evidente, afirmou o doutor.

— Bem, disse D. Eduarda fazendo boa cara à má fortuna, quem comeu já não tem. Eu, no momento em que tinham ficado alguns para lhes oferecer, estou contente.

— Mas, minha prima, dizia o doutor aborrecido com o caso, peço-lhe que guarde os poucos que lhe restam.

— Não, não, ha de ter razão para afirmar que nunca comeu melhores figos que os do meu quintal.

Eram oito horas quando o doutor Brandão e as crianças subiram para o breque que os devia reconduzir a Mira-Sado. Todos iam calados e pouco satisfeitos.

Quando entraram no pátio da casa, os cães de caça do doutor ladraram furiosamente.

— Até que emfim, exclamou estouvadamente Ana Maria, ouve-se alguma cousa.

O padrinho lançou-lhe um olhar de reprovação e ressentimento.

Ela abraçou-o com meiguice, murmurando:

— Não esteja zangado, padrinho... Quando era pequeno, como eu, ¿ não achava que ter juizo é uma cousa muito aborrecida?

Esta pregunta inesperada desanuviou o rosto do bom velho, e foi já num tom benévolo e complacente que respondeu:

— E' possível que, quando eu fôsse criança, tivesse pensamentos idênticos aos teus, mas tinha melhores actos porque tanto a minha mãe como o meu pai eram muito severos para mim.

— ¿ Ralhavam-lhe muito? preguntou Pedro.

— Batiam-me ainda mais do que me ralhavam, e não era com a mão.

— ¿ Então com quê?

— Com umas cordas cheias de nós.

— Mas isso podia adoecê-lo e até matá-lo.

— Qual! A prova é que nunca adoeci nem morri.

— Os processos de educação antiga eram muito diferentes dos de hoje; mas o que é certo é que ninguêm esquecia o que aprendia e os discípulos que tinham um carácter bem formado, empenhavam-se em dar honra aos professores; hoje...

— ¿ O tio não fazia maldades? preguntou Pedro curiosamente.

— ¿ Quem é que sendo pequeno, as não faz?

— O' padrinho, pediu Ana Maria, conte uma das suas maldades, conte...

E' tão grato para os velhos recordar, que, apesar das teorias do doutor irem de encontro a que êle contasse aos pequenos as suas garotices infantis, não pôde resistir à tentação e começou assim:

— Quando eu tinha pouco mais ou menos a tua idade, era muito mau e barulhento, o que me valia constantes reprimendas. Um dia, estava próximo o Entrudo, pedi à minha mãe que me mascarasse de caçador. Ela prometeu e cumpriu. Antes dos tres dias destinados à grande folia anual, já eu tinha estreiado o meu fato de veludo castanho e, admirando a minha figura diante dum espelho, não me trocava por ninguêm. Rodeei-me dos cães de caça de meu pai e, tomando ao espelho várias atitudes, supunha-me o herói dum dos célebres quadros de Van Dyck. Tanto me inflamou a imaginação a contemplação de mim próprio, que, na madrugada seguinte, levantei-me sem fazer barulho, saí de casa pé ante pé, emquanto os outros dormiam, e pegando na caçadeira de minha mãe, assobiei aos cães e segui na direcção que os meus pais levavam quando, no outono e inverno, os via ir para a caça. Os cães, muito alegres, ora me precediam ora ficavam para traz e eu, contentíssimo comigo, corria a bom correr para atingir o monte vezinho antes do sol nado. Foi esta a primeira vez que assisti no campo a ver romper o dia, e essa impressão gravou-se tão profundamente na minha alma que nunca

mais a pude esquecer. Os cães mataram dois coelhos e eu meti-os com vaidade na bôlsa de caçador que trazia a tiracolo, muito decidido a fazer passar por meu o feito alheio. Já vinha retirando cheio de im-



... passando horas a estudar

portância e satisfação, quando, ao saltar as pedras que, de espaço a espaço, davam passagem num ribeirinho de água, me escapou um pé e caí à água com tanta infelicidade que a espingarda disparou-se, indo a bala alojar-se-me na clavícula esquerda. A minha po-

sição era tão contrafeita e tinha tantas dores que não me atrevia a mexer. Umas lavadeiras, que vinham para o rio, ajudaram-me a erguer e conduziram-me a casa. Apesar das dores, eu queria dizer que matara os dois coelhos. Logo que o doutor, chamado à pressa, me acabou o tratamento, disse a meu pai com ar dum homem que faz a outro uma grande confidência: «Na minha bôlsa de caça estão dois coelhos que eu matei, pai; mande-os guisar para o almôço.» Meu pai olhou-me com espanto e pegando na bôlsa saíu com ela do quarto. Momentos depois entrou e preguntou-me:

—¿Não tens vergonha, Januário, de ser, alêm de desobediente, mentiroso?

—¿Em que menti eu, pai?

—Disseste que tinhas morto os coelhos.

—E matei.

—Mentes.

Isto era dito com tão veemente indignação, que eu baixei os olhos; contudo atrevi-me a preguntar:

—¿Quem foi então que os matou?

—Os cães.

—¿Como soube, pai? quem lho disse?

—Ninguêm, examinei os ferimentos do animal. Um caçador, examinando a caça, sabe sempre a maneira por que ela foi abatida. Revelas na mentira vaidade, ignorância e toleima. Tres qualidade que eu não desejava ter de censurar num filho.

Eu, muito corado de vergonha, pedi perdão e fui

atendido devido ao estado da minha clavícula. Nunca mais menti nem cacei porque a minha razão infantil disse-me que era justo ter-me acontecido mal, visto que eu tentava fazê-lo aos inocentes animaes.

Pedro e Ana aplaudiram muito a história do doutor e desde então, tôdas as tardes, o bom velho, evocando recordações que lhe falavam ao coração, deliciava os ouvintes narrando as diabruras da sua mocidade.

*
* *

Passou o mês das férias com a brevidade dum ai e o doutor Brandão recolheu à cidade, trazendo a afilhada e o sobrinho completamente emendados.

O dia da sua chegada passaram-no em casa do doutor, onde foi servido um jantar todo preparado por Ana Maria.

D. Eduarda, que em quinze dias de lições sucessivas conseguira modificar a letra dos pequenos, veio também partilhar dos elogios que lhes eram feitos.

Pedro voltava estudioso, dócil e bom. Ana perdera o feitio voluntarioso, preguiçoso e egoista, e tornara-se uma menina estimável, óptima dona de casa, interessando-se por todos os trabalhos de mulher e passando horas a estudar, para vir a ser, como deseja, uma médica que possa pôr, de graça, ao serviço dos pobres, a dedicação e cuidados que em longas doenças tantas vezes lhes faltam.

Os defeitos do Bébé

Bébé era um trapalhão que transtornava tudo que ouvia, mas curioso, metediço, embirrando de dar sentenças a todos. Um dia, em que os pais tinham saído, ficou em casa só com os criados e pôz-se à janela.

Parou à porta um elegante carrinho e um amigo de seu pai, apeando-se, preguntou:

— ¿Teu pai?

— O pai não está.

— Chama um criado, para eu lhe dar um recado.

— Não é preciso; dê-mo a mim, que eu, logo que êle chegar, repito-lhe.

— ¿E se te enganas?

— Não engano: sei muito bem repetir o que oiço.

— Então pede-lhe que amanhã, em sendo dez horas, vá a minha casa. Que não vá mais tarde porque às onze tenho onde estar.

— Está bem.

— ¿Não te esqueces?

— Pode ficar descansado.

Quando o pai chegou, Bébé dísse-lhe:

— Esteve cá o seu amigo Tavares.

— ¿Sim? ¿Então que te disse?

— Que o pai estivesse, sem, falta às onze horas em casa dele; não lhe marcava mais cedo porque às dez tinha onde estar.

No dia seguinte, o pai do nosso herói foi a casa do amigo, onde chegou à hora indicada. Encontrou-o quando êste ia para saír.

— ¿Então agora é que apareces?

— Não é tarde...

— ¿Então peço-te para estares aqui às dez, e não achas tarde?

— O meu rapaz disse-me...

— Eu bem queria não lhe dar o recado, mas êle insistiu de tal forma...

— Deixa que, quando chegar a casa, eu lhe direi.

Entretanto, ali, a mãe de Bébé dizia ao filho:

— Olha: vai prevenir a Julia de que hoje me doe a cabeça e não estou para receber maçadores.

Bébé, chegando ao pé da criada que conversava com uma visita recem-chegada, diz-lhe:

— A mamã manda-te prevenir de que não está para receber maçadores: doe-lhe a cabeça.

— Está bem, menino. Entre para a sala, senhor conselheiro.

— ¿Então não ouviste o recado da mamã?

— Ouvi, mas isso não se entende com êste senhor.

— Entende tal que eu tenho ouvido a mamã dizer que êle é maçador.

O velho conselheiro, tornando a pegar no chapeu que depuzera no cabide, volveu-lhe còrando:

— Agradeço a informação, Bébé; a senhora D. Rosália não tornará a ter ocasião de me considerar assim.

E saíu, limpando os pés na soleira da porta, para não mais voltar.

A criada censurou o pequeno:

— O menino não faz senão desarranjos. ¿Que vai agora dizer a mamã quando souber que a fêz perder um amigo de tantos anos?

— Não tem nada por que se zangar. A mamã diz que se deve dizer sempre a verdade, mesmo em prejuizo próprio.

Ainda estas palavras não estavam terminadas, ressôa de novo a campainha. Julia dirigiu-se à porta seguida de Bébé, e responde à pregunta que lhe era dirigida:

— A senhora não está.

— Está tal, está tal.

— O' menino, a mamã saíu ainda não ha dez minutos. Se não viu, não me desminta.

— Desminto, sim. A mamã está para esta senhora que lhe deve dinheiro e ficou de lho vir trazer. Entre, snr.ª D. Virgínia; vai ver quem fala verdade.

E puxando-a pela mão, arrastou-a para o toucador da mãe, dizendo:

— Ela vai ficar contente: ainda hontem afirmava ao pai que não esperava tornar a ver o dinheiro.

A senhora, muito ruborisada, disse à sua amiga logo que terminaram os cumprimentos:

— Aqui tens o dinheiro que me emprestaste. Julguei que era um segrêdo entre nós... Sei que temias perdê-lo, e garanto-te que nunca mais te incomodarei...

— ¿Mas quem te disse semelhante cousa? preguntou, vexada, a mãe do incorrigível garoto.

— Foi o Bébé.

Logo que ficou só, D. Rosália compôz o semblante na mais severa expressão e chamou o filho. Êste entrou correndo, montado num cavalo com cabeça de papelão e cauda de pau de vassoura, pintada de azul escuro.

— ¿A mamã chamou?

— Chamei, sim. Has de me dizer para que te metes em tudo e só me causas arrelias.

— Eu! Não digo senão a verdade.

— Mas nem tôdas as verdades se dizem. Reflecte nisto e não tornes mais.

Nessa tarde, Bébé correndo à porta logo que sentiu bater, recebeu um embrulho enviado a seu pai por um amigo, regressado havia pouco de Aveiro, contendo uma dúzia de barris de ovos moles. Reparando que ninguêm vira, foi escondê-los no quarto dos bonecos e comeu-os todos quando e como lhe pareceu, sem dizer nada a ninguêm.

O amigo, encontrando o pai e vendo que êle não lhe dizia nada acêrca do doce, preguntou:

— ¿Gostaste dos ovos moles?

— ¿Quais ovos?

— Aqueles que te enviei.

— Não recebi.

— Ora essa! Foi o teu pequeno que ficou entregue deles.

Chegando a casa, o pai chamou Bébé ao toucador da mãe, onde ambos lhe preguntaram pelo doce. Êle negou tê-lo recebido; mas o pai disse-lhe que ia mandar vir ali a pessoa que lhe entregara o embrulho. Bébé, então, confessou, e terminou murmurando por entre lágrimas:

— Eu não o fiz por mal; a mamã afirmou que nem tôdas as verdades se dizem e pareceu-me que esta era muito conveniente calar.

— Para não interpretares mal as frases que ouves, vais para o colégio de dentro.

E realmente, um mês depois, Bébé entrava para o colégio militar, na Luz, mas só depois de longos anos de disciplina perdeu o costume de se intrometer nas conversas, e de interpretar a seu modo o que ouvia sem curar de reflectir. Hoje, é um homem prudente de língua, e emenda com rigor nos filhos que tem, os seus passados defeitos.

A morte do Lidador

Foi correndo, a par de Beja,
Contra o forte Almoleimar
Que o nobre Gonçalo Mendes
Viu sua morte chegar.

Mas como valente, que era,
Oculta as chagas mortaes,
Diz que o ponham a cavalo,
E fala de vida aos mais.

O seu espírito guerreiro,
Tendo os outros exaltado,
Pediu que lhe concedessem
Um dom muito desejado.

Sem o ouvir, todos prometem
Fiados em seu juízo.
— Vamos combater os mouros;
Mas, se eu morrer, é preciso

«Que aceiteis no meu lugar
«Dom Egas Gomes de Sousa.
«E' destemido, é tenaz:
«Ha de fazer qualquer cousa.»

Todos respondem com alma
Que a sua vontade é lei,
Mas que será Dom Gonçalo
Quem narre a batalha ao rei.

Êle, ao ver os inimigos,
Entre nuvens de poeira,
Clama: — Veem pela morte!
Vamos levar-lha ligeira.

Soltando a rédea ao cavalo,
Ao combate se lançou;
Mas à primeira lançada
Do cavalo baqueou.

Recresce a fúria dos nossos,
Vendo o Lidador caír;
Aos gritos de «São Tiago!»
São prontos, feros em f'rir.

Ali, numa fúria louca,
Se espedaçam capelinas,
E os bacinetes parecem,
Ao fender, fôlhas franzinas.

Vêem-se escudos talhados
E lorigas esmalhadas.
Ninguêm crê que botes tais
Sejam só feito de espadas.

— E' maravilha! exclamavam,
Foi São Tiago que os deu.
Homens não davam tais golpes:
Tivemos por nós o céu.

Modestos, do próprio esfôrço
Duvidavam ao vencer.
E, tendo morrido muitos,
Ficando outros a morrer,

Só de Dom Gonçalo Mendes
Era lastimada a morte.
E' que os desgostos somenos
Não valem nada ante um forte.

Aos noventa e cinco anos,
A morte do Lidador
Deixou tôda a sua gente
Imersa em profunda dor.

Vendo as chagas que cobriam
O venerando guerreiro,
Muitos valentes soltaram
Ali seu pranto primeiro.

E muitos jovens heróis,
Cheios de fôrça e vigor,
Dariam com gôsto a vida
Para a ter o Lidador.

E emquanto no horizonte
O sol em fogo desmaia,
Comparam-no em formosura
Ao velho senhor da Maia.

Dom Egas Gomes de Sousa,
Vendo tão sincera dor,
Diz-lhes: — Amigos, tal morte
E' digna dum Lidador.

«Morrer em plena batalha
«E ser causa da vitória
«¿Que mais pode ambicionar
«Quem viveu de honra e de glória?»

Então um grande alarido
Soltou tôda aquela gente:
— Morreu como lhe cumpria,
Mas foi morto cruelmente.

«Emquanto vida tivermos
«E nos pulse o coração,
«Vingar-nos-hemos nos mouros
«Da morte de tal cristão.»

E lá se foram em grita
O morto aos paços levar.
O sol, envolto em tristeza,
Ia também transmontar.

FIM

ÍNDICE

ÍNDICE

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Horas de folga.
2 — Recreações infantis.
3 — Para ler nas férias.
4 — Por bom caminho.
5 — Para divertir.
6 — Alegrias.
7 — Histórias famosas.
8 — A fada loira.
9 — Contos da mamã.
10 — Para rir e pasmar.
11 — Feitos gloriosos.
12 — As ideas de Mimi.
13 — Proezas dum valentão.
14 — Maurício e Beatriz.
15 — Os bonecos de Joaninha.
16 — O animatógrafo.
17 — O paraiso das crianças.